

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Salvação

MORTAL

BB

BERTRAND BRASIL

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal

Glória Mortal

Eternidade Mortal

Êxtase Mortal

Cerimônia Mortal

Vingança Mortal

Natal Mortal

Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal

Traição Mortal

Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal

Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal

Origem Mortal

Recordação Mortal

Nascimento Mortal

Inocência Mortal

Criação Mortal

Estranheza Mortal

Salvação Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. ROBB

SALVAÇÃO
MORTAL

Tradução
Renato Motta

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2017

Copyright © 2008 by Nora Roberts

Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.

Título original: *Salvation in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2017

Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R545s

Robb, J. D., 1950-

Salvação mortal [recurso eletrônico] / Nora Roberts sob o pseudônimo de J. D. Robb ; tradução Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2017.

recurso digital

Tradução de: *Salvation in death*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2255-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título.

17-43591

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Cuidado com os falsos profetas, pois eles surgem vestidos com peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.

— *EVANGELHO DE MATEUS 7:15*

A fé que enxerga além da morte.

— *WILLIAM WORDSWORTH*

SUMÁRIO

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Epílogo

CAPÍTULO UM

Na missa de corpo presente, o sacerdote posicionou a hóstia de pão ázimo e o vinho tinto barato sobre a toalha de linho que cobria o altar. Tanto a pátena como o cálice eram de prata. Os acessórios tinham sido presentes do homem dentro do caixão coberto de flores que repousava na base dos dois degraus muito gastos que separavam o padre da congregação.

O morto tinha vivido 116 anos, tendo sido um católico fervoroso em cada dia desse longo tempo. Sua esposa falecera apenas dez meses antes dele e, em cada dia desses dez meses, ele exibira seu luto pela perda.

Agora seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos lotavam os bancos da antiga igreja no Spanish Harlem. Muitos deles moravam na paróquia, e vários outros tinham voltado ao antigo bairro para chorar seu luto e apresentar seus pêsames. Os dois irmãos sobreviventes assistiam a tudo, assim como primos, sobrinhos, amigos e vizinhos; os vivos enchiam os bancos, os corredores e a entrada do templo para homenagear o falecido através do antigo ritual.

Hector Ortiz fora um bom homem e levara uma boa vida. Tinha morrido pacificamente na cama, cercado por fotos de sua família e muitas imagens de Jesus, Maria e seu santo favorito, são Lourenço. São Lourenço fora queimado vivo devido à sua fé e, por ironia, se tornara o santo padroeiro dos cozinheiros.

A falta de Hector Ortiz seria sentida; ele seria muito lembrado. Mas sua vida longa, bondosa, e sua morte tranquila conferiam um sabor de paz e aceitação àquela missa, e aqueles que choraram derramavam as lágrimas mais por si mesmos do que pelo falecido. A fé lhes assegurava, refletiu o sacerdote, que Hector Ortiz seria salvo. E, enquanto o padre realizava o ritual que lhe era tão familiar, analisava os rostos dos que lamentavam. Todos olhavam para ele com atenção, acompanhando o último tributo.

As flores, o incenso e a cera fumegante das velas se misturavam e fundiam seus cheiros no ar. Uma fragrância mística. O aroma do poder e da presença.

O padre inclinou solenemente a cabeça sobre os símbolos da carne e do sangue antes de lavar as mãos.

Ele conhecera Hector e até mesmo ouvira sua confissão — a última, por sinal — menos de uma semana antes. Portanto, pensou o padre Flores no instante em que a congregação se colocou de pé,

aquela fora a última penitência que Hector recebera.

Flores falou à congregação e todos repetiram as palavras familiares da Oração Eucarística durante a Consagração.

— Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus do Universo.

Essas palavras e as que se seguiram foram cantadas, pois Hector adorara ouvir música na Missa. As vozes se misturaram e se ergueram, enredando-se no ar magicamente perfumado. A congregação se ajoelhou para a Consagração — ouviram-se um gemido inquieto de bebê, uma tosse seca, sussurros e mais sussurros.

O padre esperou que eles se calassem e aguardou o silêncio completo. Aguardou o momento certo.

Flores implorou que o poder do Espírito Santo tomasse os dons do pão e do vinho e os transformasse no corpo e no sangue de Cristo. E deu continuidade ao ritual, na condição de representante do Filho de Deus.

Poder. Presença.

E, sob a visão do Cristo crucificado atrás do altar, Flores soube que tinha o poder naquele instante. E acreditou naquela presença.

— Tomai todos e comei: isto é o meu corpo que será entregue por vós — disse Flores, erguendo a hóstia.

Sinos tocaram; cabeças se inclinaram para a frente.

— Tomai todos e bebei: Este é o cálice do meu sangue — ergueu o cálice —, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados. Fazei isso em memória de mim.

— Cristo morreu, Cristo ressuscitou, Cristo voltará.

Eles rezaram, e o sacerdote lhes desejou a paz. Os fiéis desejaram paz uns aos outros e então, novamente elevando as vozes, cantaram:

— *Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade, tende piedade, tende piedade de nós.*

O sacerdote partiu a hóstia e colocou uma parte dentro do cálice. Os auxiliares avançaram e pararam junto do altar quando o sacerdote levou o cálice aos lábios.

Ele morreu assim que tomou o sangue de Cristo.

A Igreja de São Cristóvão no Spanish Harlem se espremia entre uma mercearia e uma casa de penhores, como se estivesse agachada. Possuía um pequeno campanário cinzento e fora poupada das pichações que marcavam seus dois vizinhos laterais. O interior cheirava a velas, flores e lustra-móveis, exatamente como uma casa agradável no subúrbio deveria cheirar.

Pelo menos essa foi a sensação transmitida à tenente Eve Dallas ao caminhar pelo corredor formado entre as fileiras de bancos. Mais à frente, um homem de camisa preta, calça preta e colarinho branco estava sentado com a cabeça inclinada para a frente e as mãos cruzadas.

Ela não sabia ao certo se o homem estava rezando ou simplesmente esperando por algo, mas ele não era a prioridade. Eve contornou o caixão lustroso e quase soterrado por cravos vermelhos e brancos. O falecido também não era a prioridade.

Ela prendeu a filmadora na lapela, mas, no momento em que começou a subir os dois pequenos degraus até a plataforma que era a base do altar — esse, sim, a prioridade —, sua parceira a agarrou pelo

braço.

— É, bem... Acho que nós deveríamos... Fazer uma genuflexão.

— Eu nunca faço genuflexões em público.

— Não, é sério. — Os olhos escuros de Peabody examinaram o altar e as imagens. — Aquilo ali é solo sagrado ou algo assim.

— Engraçado... Para mim, parece que está mais para um cara morto.

Eve subiu os degraus. Atrás dela, Peabody rapidamente flexionou um joelho antes de seguir a tenente.

— A vítima foi identificada como Miguel Flores, 35 anos, padre católico — começou Eve. — O corpo foi movido do lugar. — Ela lançou um olhar para um dos guardas que protegem o local.

— Isso mesmo, senhora. A vítima desmoronou durante a missa e houve uma tentativa de reanimá-la enquanto a ambulância era chamada. Dois policiais estavam no local, assistindo ao funeral... ao funeral do cadáver ali — acrescentou, apontando com o queixo para o caixão. — Eles afastaram as pessoas e resguardaram a cena. Estão esperando para conversar com a senhora.

Já tendo selado as mãos e os pés antes de entrar na igreja, Eve se agachou.

— Consiga as impressões digitais dele, o momento exato da morte e assim por diante, a fim de registrarmos, Peabody. E, para que fique igualmente registrado, as bochechas da vítima têm um tom rosado e brilhante. Vejo lesões no rosto, na têmpora esquerda e na maçã do rosto; provavelmente ocorreram quando ele caiu.

Ela olhou para cima e notou o cálice de prata sobre o linho branco manchado. Levantou-se, caminhou até o altar e cheirou o cálice.

— Ele bebeu isso aqui? O que ele estava fazendo exatamente no instante em que desabou?

— Recebendo a Comunhão — disse o homem da primeira fileira, antes que o guarda pudesse responder.

Eve foi até o outro lado do altar.

— Você trabalha aqui?

— Sim. Esta é a minha igreja.

— Sua?

— Eu sou o pároco. — Ele se levantou; era um homem compacto e musculoso com olhos tristes e escuros. — Padre López. Miguel estava oficiando a missa de corpo presente e tinha acabado de receber a Comunhão. Ele tomou do vinho; quase imediatamente pareceu entrar em convulsão e ofegou com força, tentando respirar. E então desmoronou. — López falava com um sotaque sutil, como um brilho exótico sobre madeira áspera. — Médicos e paramédicos que estavam assistindo à cerimônia tentaram reanimá-lo, mas já era tarde demais. Um deles comentou que achava que o motivo da morte tinha sido veneno, mas eu não acredito que isso possa ser verdade.

— Por quê?

López levantou as mãos.

— Quem envenenaria um padre dessa maneira e num momento como esse?

— De onde veio o vinho? Esse que estava no cálice.

— Nós mantemos o vinho da Comunhão trancado no tabernáculo, que fica na antecâmara.

— Quem tem acesso a esse local?

— Eu tenho. Miguel e Martin, ou seja, o padre Freeman, e também os ministros eucarísticos que ajudam na missa.

Muitas mãos, pensou Eve. Colocar um cadeado, nem pensar.

— Onde eles estão?

— Padre Freeman está visitando a família em Chicago e planeja voltar amanhã. Temos... Tivemos três ministros hoje devido à grande participação na Missa de Réquiem.

— Vou precisar dos nomes deles.

— A senhora certamente não desconfia...

— E quanto a isto?

Ele empalideceu na mesma hora em que Eve levantou a bandeja prateada onde estava parte da hóstia.

— Por favor, por favor. Está consagrado!

— Desculpe, agora isso é uma prova. Só que falta o outro pedaço. Ele comeu?

— Um pequeno pedaço é partido e colocado no vinho para o rito de fragmentação e da transubstanciação. Ele o consumiu junto com o vinho.

— Quem colocou o vinho no copo e o... — Ela tentou lembrar como era o nome daquilo. Pão? Biscoito?

— A hóstia — completou López. — Foi ele mesmo. Mas eu derramei o vinho no receptáculo e entreguei a hóstia para Miguel antes da Consagração. Fiz isso pessoalmente como um sinal de respeito ao sr. Ortiz. Miguel oficiou a cerimônia a pedido da família.

Eve inclinou a cabeça.

— Eles não quiseram o chefe? O senhor não disse que era o pároco, o padre principal?

— Sou o pároco, sim. Mas sou novo aqui. Só estou nesta paróquia há oito meses, desde que monsenhor Cruz se aposentou. Miguel estava aqui havia mais de cinco anos; casou dois dos bisnetos do sr. Ortiz e celebrou a Missa de Réquiem para a sra. Ortiz há cerca de um ano. Também batizou...

— Só um minuto, por favor.

Eve se voltou para Peabody.

— Desculpe interromper, padre. A identidade foi confirmada — informou ela a Eve. — O momento da morte também confere. Ele bebeu, teve uma convulsão, caiu, morreu e ficou com as bochechas vermelhas. Cianeto, talvez?

— Uma suposição lógica. Vamos esperar pela confirmação de Morris. Embale o cálice e o biscoitinho. Fale com um dos policiais que testemunharam tudo e grave uma declaração dele. Vou falar com o outro depois que López me mostrar a fonte do vinho e da outra coisa.

— Devemos liberar o outro morto?

Eve franziu a testa ao olhar para o caixão.

— Ele já esperou tanto tempo, pode esperar um pouco mais. — Virou-se para López. — Preciso ver o lugar onde o senhor guarda o... — *Lanchinho?* — ... o vinho e as hóstias.

López assentiu e fez um gesto com a mão. Subiu os degraus e se afastou do altar, conduzindo Eve por uma entrada. Lá dentro, armários estavam alinhados ao longo de uma parede; sobre uma mesa, uma caixa alta, cuidadosamente esculpida com uma cruz. López pegou as chaves do bolso da calça e destrancou a portinha da caixa.

— Este é o tabernáculo — explicou. — Contém as hóstias e o vinho não consagrados. Nós

mantemos um suprimento maior no primeiro armário ali na parede, que também está trancado.

A madeira brilhava de tão polida, observou Eve, e certamente continha impressões digitais. A tranca era uma chave comum que entrava em uma fechadura simples.

— Esta garrafa aqui foi de onde o senhor derramou o vinho no cálice?

— Isso mesmo. Eu o derramei e peguei as hóstias. Entreguei tudo a Miguel bem no início da Liturgia Eucarística.

O líquido purpúreo enchia a garrafa transparente até aproximadamente a metade.

— Essas substâncias deixaram as suas mãos em algum momento antes disso ou ficaram sozinhas neste aposento, sem ninguém por perto?

— Não. Eu as preparei e as mantive comigo o tempo todo. Agir de outro modo seria desrespeitoso.

— Preciso recolher tudo isso como evidência.

— Compreendo. Mas o tabernáculo não pode deixar a igreja. Por favor, se a senhora precisar examiná-lo, isso poderia ser feito aqui, senhora... Desculpe — acrescentou —, eu não perguntei o seu nome.

— Tenente Dallas.

— A senhora não é católica.

— Como foi que o senhor descobriu?

Ele sorriu de leve, mas a tristeza não abandonou seus olhos.

— Percebi que a senhora não está familiarizada com as tradições e os ritos da igreja, e algumas coisas podem lhe parecer estranhas. A senhora acha que alguém pode ter adulterado o vinho ou a hóstia?

Eve manteve o rosto e a voz neutros.

— Até agora eu não acho nada.

— Se isso aconteceu, alguém usou o sangue e o corpo de Cristo para matar. E fui eu quem os entregou a Miguel. Eu os coloquei em suas mãos. — Por baixo da tristeza nos olhos dele, Eve reconheceu brasas de fúria. — Deus os julgará, tenente. Mas eu acredito nas leis terrenas, assim como nas leis de Deus. Farei tudo que puder para ajudá-la em seu trabalho.

— Que tipo de padre era Flores?

— Um bom sacerdote. Misericordioso, dedicado, ahn... enérgico também, eu diria. Ele gostava muito de trabalhar com jovens e era particularmente bom nisso.

— Houve algum problema com ele recentemente? Depressão, estresse?

— Não... Não. Eu teria sabido, pelo menos percebido. Moramos juntos, nós três, na casa paroquial atrás da igreja. — Ele gesticulou vagamente no ar, como se sua mente estivesse ocupada com dezenas de outros pensamentos. — Comemos juntos quase diariamente; conversamos, discutimos, rezamos. Eu teria percebido se algo o estivesse perturbando. Se a senhora acha que ele poderia ter tirado a própria vida, eu digo que o padre Flores não faria isso. É certamente jamais dessa maneira.

— Havia problemas entre ele e alguma pessoa? Alguém que guardasse mágoa ou rancores ou que pudesse ter alguma questão não resolvida com ele, de natureza profissional ou de algum outro tipo?

— Não que ele tenha mencionado algo assim, e, como eu disse, conversávamos diariamente.

— Quem sabia que era ele quem iria rezar a missa fúnebre de hoje?

— Todo mundo. Hector Ortiz era uma figura importante na paróquia. Um homem amado e respeitado. Todos sabiam da missa fúnebre e também que Miguel seria o celebrante.

Enquanto falava, Eve cruzou a sala até a porta e a abriu. A luz do sol de maio irradiou pela entrada. A porta também tinha uma fechadura, notou, quase tão simples quanto a da caixa de madeira.

Fácil de entrar, fácil de sair.

— Houve alguma outra missa hoje mais cedo? — perguntou a López.

— Sim, a missa diária das seis da manhã. Fui eu que a celebrei.

— O vinho e as hóstias vieram do mesmo receptáculo que serviu à missa fúnebre?

— Sim, vieram.

— Quem os trouxe para o senhor celebrar a cerimônia?

— Miguel. É uma missa pequena, geralmente frequentada por menos de uma dezena de pessoas, talvez um pouco mais. Hoje nós já esperávamos menos gente, pois a Missa de Réquiem teria grande afluência de fiéis.

Bastava entrar, refletiu Eve, e assistir à missa da manhã. Depois voltar, envenenar o vinho e ir embora.

— Quantas pessoas assistiram à missa?

— A da manhã? Ah!... Oito ou nove. — Ele parou por um momento, e Eve o imaginou repassando as imagens e contando as cabeças. — Isso mesmo, nove pessoas.

— Vou precisar de uma lista com os nomes delas também. Algum rosto estranho entre eles?

— Não. Eu conhecia todos os que participaram da missa matinal. É um grupo pequeno, como eu disse.

— Só o senhor e Flores. Ninguém mais para ajudar?

— Não para a missa das seis horas. Normalmente não usamos um ministro auxiliar para o serviço matutino nos dias de semana, exceto durante a Quaresma.

— Certo. Eu gostaria que o senhor me desse por escrito, tanto quanto conseguir lembrar, todos os movimentos e as atividades recentes da vítima. O que Flores fez entre a manhã e o momento em que tudo ocorreu.

— Farei isso imediatamente.

— Vou precisar isolar este espaço como parte da cena do crime.

— Ah. — Um ar de angústia cobriu o rosto dele. — A senhora saberia informar durante quanto tempo?

— Não. — Eve sabia que estava sendo severa, mas alguma coisa sobre toda aquela... santidade a deixava nervosa. — Se o senhor me desse suas chaves, ficaria tudo mais simples. Quantos conjuntos existem?

— Temos estas e mais um molho que fica na casa paroquial. Vou precisar da minha chave para entrar lá.

Ele tirou uma única chave da corrente e entregou o restante do molho a Eve.

— Obrigada. Quem era Ortiz e como ele morreu?

— O sr. Ortiz? — Um sorriso um pouco mais comovido lhe surgiu no rosto e nos olhos. — Uma figura marcante da comunidade e desta paróquia, como eu já disse. Ele era dono de um restaurante familiar que fica a poucos quarteirões daqui. Chama-se Abuelo's. Ele administrou o negócio junto com a esposa, segundo me contaram, até cerca de dez anos atrás, quando um dos filhos e a neta assumiram o estabelecimento. Ele tinha 116 anos e morreu de forma tranquila e indolor, espero, durante o sono. Era

um homem bom e muito amado. Acredito que já esteja nos braços de Deus.

Ele tocou a cruz que usava, um leve roçar de dedos.

— Sua família está compreensivelmente angustiada pelo que aconteceu esta manhã. Se eu pudesse entrar em contato com eles, nós poderíamos dar continuidade à Missa de Réquiem, para manter o Compromisso da Igreja. Não aqui — apressou-se López, antes que Eve pudesse retrucar. — Posso organizar tudo, mas eles precisam enterrar o pai, o avô, o amigo. É necessário que completem o ritual. O sr. Ortiz deve ser respeitado.

Eve compreendia o dever para com os mortos.

— Preciso falar com outra pessoa, antes. Vou tentar fazer as coisas andarem, mas é necessário que o senhor me aguarde na residência paroquial.

— Eu sou um suspeito. — Essa ideia não pareceu abalá-lo nem surpreendê-lo. — Eu forneci a Miguel a arma que o matou.

— Isso mesmo. Nesse momento, praticamente qualquer pessoa que tenha entrado na igreja e obtido acesso a este aposento é suspeita. Hector Ortiz poderá ser liberado, mas é só isso por enquanto.

Ele sorriu novamente, um sorriso tênue.

— A senhora provavelmente poderá eliminar os bebês e as crianças pequenas da sua lista.

— Não sei não... Crianças podem ser figuras muito suspeitas. Precisamos dar uma olhada no quarto de Flores, na casa paroquial. Assim que puder, vou mandar retirar o corpo do sr. Ortiz da cena do crime.

— Obrigado. Vou esperar na minha casa.

Eve o acompanhou até o lado de fora, trancou a porta e mandou que o guarda mais próximo trouxesse o segundo policial que servira de testemunha.

Enquanto esperava, voltou a dar uma volta em Flores. Um homem bonito, pensou. Aproximadamente um metro e oitenta, embora fosse difícil avaliar seu biótipo debaixo daquela túnica engraçada, mas ela havia analisado a foto da identidade. Calculara seu peso em setenta e poucos quilos.

Tinha traços simétricos, muito cabelo escuro com alguns reflexos prateados. Mais suave que López, analisou. Mais magro, mais jovem.

Refletiu que os padres existiam de todos os tipos e tamanhos, como as pessoas comuns.

Só que padres não deveriam ter relações sexuais. Ela precisaria perguntar a alguém o motivo dessa regra, caso considerasse a resposta importante para o caso. Alguns padres a ignoravam e se divertiam por aí, como as pessoas comuns. Talvez Flores não desse muita importância ao celibato.

Quem daria?

Talvez tivesse se envolvido com a pessoa errada. Uma amante revoltada ou o marido ainda mais revoltado dela. Ele trabalhava particularmente bem com os jovens, pensou. Talvez gostasse de molhar o biscoito no café de jovens menores de idade. Um pai vingativo, talvez?...

Ou...

— Tenente Dallas?

Eve se virou para ver uma mulher atraente vestindo um pretinho básico. Estrutura “mignon”, essa seria a palavra, avaliou Eve, calculando a altura dela em 1,65 metro, incluindo os sapatos pretos de salto muito alto. Seu cabelo também era preto brilhante, presos fortemente em um coque atrás da cabeça. Tinha imensos olhos amendoados num tom forte de verde.

— Sou Graciela Ortiz. Policial Ortiz — acrescentou, quase como um adendo.

— Policial. — Eve desceu do altar. — Você é parenta do sr. Ortiz?

— Poppy era como eu o chamava. Era meu bisavô.

— Sinto muito pela sua perda.

— Obrigada. Ele viveu muito bem e por um longo tempo. Agora está na companhia dos anjos. Mas o padre Flores...

— Você acha que ele não está com os anjos?

— Espero que esteja. Mas não viveu por um longo tempo nem morreu pacificamente em sua cama. Eu nunca vi uma morte como esta. — Ela respirou fundo e estremeceu de leve. — Eu deveria ter agido mais rapidamente para preservar a cena. Meu primo e eu... Matthew trabalha na Divisão de Drogas... deveríamos ter agido com mais rapidez. Mas eu estava mais perto do altar, e Matt estava no fundo da igreja. Eu achei... todos nós achamos... que o padre Flores tinha sofrido algo como um infarto. O dr. Pasquale e meu tio, que também é médico, tentaram ajudá-lo. Tudo aconteceu muito depressa. Foi questão de minutos. Três ou quatro, não mais. Foi por isso que o corpo foi movimentado, e a cena comprometida. Sinto muito.

— Conte-me o que houve.

Graciela relatou os acontecimentos, reproduzindo a sequência dos fatos exatamente como López fizera.

— Você conhecia o padre Flores?

— Sim, um pouco. Ele casou meu irmão. Quero dizer que foi ele quem celebrou a cerimônia. Padre Flores também dedicava parte do tempo ao centro de jovens que é ligado à paróquia. Eu também faço isso sempre que posso, então eu já o conhecia de lá também.

— Quais são as suas impressões a respeito dele?

— Era sociável, expansivo, interessado. Parecia se relacionar bem com as crianças de rua. Sempre achei que talvez ele tivesse passado por isso na infância.

— Ele demonstrava interesse especial por alguma criança específica?

— Não que eu tenha reparado. Mas eu não me encontrava com ele muitas vezes.

— Ele alguma vez tentou dar em cima de você?

— Dar em cima... Não! — Graciela pareceu chocada, depois pensativa. — Não, nunca houve insinuações, nunca senti algo desse tipo. E nunca ouvi ninguém comentar que ele tivesse quebrado esse voto.

— Você teria ouvido?

— Eu, diretamente, não creio, mas a minha família... e eles são em grande número... todos muito envolvidos com a igreja; esta é a nossa paróquia. Se ele estivesse dando em cima de alguém, havia a possibilidade de que esse alguém tivesse parentesco ou laços de amizade com a família Ortiz. As fofocas na família correm muito depressa e são abrangentes. Minha tia Rosa é empregada da casa paroquial e não há nada que escape ao olho dela.

— Rosa Ortiz?

— Rosa O'Donnell. — Graciela sorriu. — Existem outros sobrenomes de família. Foi homicídio, tenente?

— No momento, trata-se de morte suspeita. Você poderia conversar com os membros da família

para obter suas impressões?

— Ninguém vai falar de outro assunto durante vários dias — comentou Graciela. — Vou ver o que consigo descobrir com aqueles que o conheceram melhor que eu.

— Ok. Vou liberar o corpo do seu bisavô para ser removido da cena policial. Você e seu primo podem cuidar dos detalhes assim que acabarmos aqui.

— Agradecemos muito.

— Em que delegacia você trabalha?

— Na 223ª DP, aqui no East Harlem.

— Há quanto tempo está na polícia?

— Quase dois anos. Pensei em ser advogada, mas mudei de ideia.

Provavelmente mudará de novo, refletiu Eve. Ela simplesmente não via a dureza de uma policial naqueles olhos verdes.

— Vou chamar minha parceira e vamos liberar o caixão. Se você se lembrar de mais alguma coisa a respeito de Flores, por favor me procure na...

— Central de Polícia — terminou Graciela. — Eu sei.

Depois que Graciela se afastou com seus saltos altos estalando, Eve examinou mais uma vez a cena do crime. Havia muita morte ali para uma igreja tão pequena, pensou. Um morto no caixão, outro no altar e um terceiro olhando para baixo do alto de uma cruz muito grande.

Um morreu dormindo depois de uma vida longa; outro morreu depressa, em poucos minutos; o terceiro recebeu cravos e marteladas nas mãos e nos pés, para poder ser erguido, preso a uma cruz de madeira.

Deus, um padre e um fiel, pensou. Em sua avaliação, Deus tinha sofrido a pior morte dos três.

— Eu não consigo decidir — comentou Peabody, enquanto elas caminhavam rumo à casa paroquial — se as estátuas, as velas e os vitrais coloridos são muito bonitos ou muito assustadores.

— Estátuas são parecidas com bonecos, e bonecos são assustadores. A gente fica esperando o tempo todo que eles pisquem a qualquer momento. Os piores são os que ficam sorrindo assim... — Eve manteve os lábios bem apertados enquanto os curvava. — Você sabe que eles têm dentes ali atrás. Dentes grandes, afiados e brilhantes.

— Nunca pensei assim. Mas agora vou ficar com isso na cabeça.

O prédio pequeno e discreto que abrigava a casa paroquial exibia flores em vasos colocados junto às janelas. Ostentava uma segurança mínima, pelo que Eve observou. Uma fechadura padrão na porta; janelas com flores que provavelmente ficavam abertas para o ar da primavera; nenhuma placa de reconhecimento palmar nem câmeras de segurança.

Ela bateu à porta e esperou com suas longas pernas cobertas por calças simples e os pés firmemente plantados em botas muito gastas. O blazer cinza pálido que ela vestira às pressas naquela manhã encobria o coldre com a arma. A brisa alegre de maio fez balançar de leve seu curto cabelo castanho. Como as pernas, seus olhos eram elegantes, num tom de uísque e mel. Não cintilavam de vida como os de Graciela. Eram duros como de uma policial de verdade.

A mulher que atendeu à porta exibia uma explosão de cachos escuros com pontas douradas em torno de um rosto bonito. Seus olhos vermelhos de tanto chorar examinaram Eve e depois Peabody.

— Desculpem, o padre López não poderá receber visitas hoje.

— Sou a tenente Dallas, do Departamento de Polícia de Nova York. — Eve tirou o distintivo. —

Esta é a detetive Peabody.

— Sim, claro. Por favor, me desculpem. O padre me avisou que as senhoras viriam. Por favor, entrem.

Ela deu um passo para trás. Usava um cravo vermelho na lapela de seu traje de luto preto, que cobria um corpo lindamente cheio de curvas.

— Este é um dia terrível para a paróquia e para a minha família. Sou Rosa O'Donnell. Meu avô... A missa de corpo presente era para ele, entendem? O padre está no escritório. Ele me pediu para lhe entregar isto, tenente. — Ela lhe ofereceu um envelope. — A senhora solicitou que ele escrevesse tudo que o padre Flores fez hoje.

— Isso mesmo, obrigada.

— Vou avisar que a senhora chegou para vê-lo.

— Não há necessidade, por enquanto. Pode dizer a ele que já liberamos o corpo do sr. Ortiz. Minha parceira e eu precisamos ver os aposentos do padre Flores.

— Vou acompanhá-las até o andar de cima.

— Você cozinha para a casa paroquial — começou Eve, enquanto seguiam do saguão minúsculo para a escada.

— Sim, e também faço faxina. Um pouco disso, um pouco daquilo. Três homens, mesmo sendo sacerdotes, precisam de alguém que recolha suas coisas.

A escada dava num corredor estreito. As paredes eram brancas e adornadas aqui e ali com crucifixos ou imagens de pessoas com vestes que pareciam benignas ou — aos olhos de Eve — tristes. Algumas pareciam irritadas.

— Você conheceu o padre Flores — disse Eve, em tom de incentivo.

— Muito bem, eu acho. Quando uma mulher cozinha e faz limpeza para um homem, acaba descobrindo quem ele é.

— E quem ele era?

Rosa parou diante de uma porta e suspirou.

— Um homem de fé e bom humor. Ele gostava de esportes, de assistir e de jogar. Tinha muita... energia — decidiu. — E dedicava boa parte dessa energia ao centro de jovens.

— Como ele se relacionava com os colegas? Os outros sacerdotes — especificou Eve, quando Rosa pareceu não entender.

— Muito bem. Havia respeito entre ele e o padre López, e eu diria que pareciam ser amigos. Eram tranquilos um com o outro, se a senhora me entende.

— Entendo.

— Ele era mais próximo, bem, um pouco mais chegado do padre Freeman. Tinham mais em comum fora da igreja, imagino. Esportes. Ele e o padre Freeman conversavam muito sobre esportes, como os homens costumam fazer. Iam aos jogos juntos. Também corriam quase todas as manhãs e muitas vezes jogavam bola no centro.

Rosa suspirou novamente.

— O padre López está entrando em contato com o padre Freeman agora, para dar a notícia. Isso é

muito difícil.

— E a família de Flores?

— Ele não tinha. Costumava dizer que a igreja era a família dele. Acho que seus pais morreram quando era criança. — Ela abriu a porta. — Ele nunca recebeu ligações nem cartas de familiares, como acontece frequentemente com o padre López e com o padre Freeman.

— E quanto a outras ligações ou outras cartas?

— Como assim?

— Com quem ele tinha contato? Amigos, professores, antigos colegas de escola?

— Eu... Eu não sei. — Suas sobranceiras se juntaram. — Ele tinha muitos amigos na paróquia, é claro, mas se a senhora se refere a pessoas de fora ou do passado eu não saberia dizer.

— Você notou alguma coisa diferente no humor ou na rotina dele recentemente?

— Não, nada. — Rosa balançou a cabeça. — Entrei aqui para preparar o café da manhã para ele e para o padre López esta manhã, antes do funeral. Ele foi muito gentil.

— A que horas você chegou aqui?

— Ahn... cerca de seis e meia, talvez alguns minutos depois.

— Havia mais alguém?

— Não. Eu entrei, pois tenho a chave. Como de costume, o padre López tinha se esquecido de trancar a porta. Os padres voltaram da missa logo depois, e eu servi o café da manhã. Nós todos conversamos sobre o culto, e então o padre Flores entrou no escritório para trabalhar em sua homilia.

Ela pressionou a ponta dos dedos contra os lábios e murmurou:

— Como isso pode ter acontecido?

— Vamos descobrir. Obrigada — agradeceu Eve, com um gesto de dispensa, e entrou no quarto.

Havia uma cama estreita, uma cômoda pequena com espelho, uma mesinha de cabeceira e uma escrivaninha. Nenhum *tele-link*, observou Eve, nem computador. A cama parecia bem-feita, e sobre a cabeceira do móvel via-se uma imagem de Cristo na cruz presa ao lado de um crucifixo. Tudo aquilo pareceu um exagero para Eve.

Não havia fotografias pessoais à vista, nem fichas de crédito espalhadas sobre a cômoda. Ela viu uma Bíblia, um rosário preto e prateado, uma luminária de cabeceira, um pente e um *tele-link* de bolso sobre a cômoda.

— Isso explica por que ele não trazia um *tele-link* no bolso — comentou Peabody. — Acho que eles não levam eletrônicos quando vão rezar uma missa. — Quando ela virou a cabeça, as pontas soltas de seu cabelo escuro dançaram. — Bem, acho que nossa busca não vai demorar, considerando que ele não tinha muitas coisas.

— Dê uma olhada nos outros quartos. Só uma olhadinha básica, da porta mesmo. Descubra se todos são iguais a este.

Quando Peabody saiu, Eve abriu uma gaveta da cômoda com a mão selada. Cuecas brancas, camisetas estilo regata também brancas, meias brancas, meias pretas. Ela percorreu tudo com os olhos, mas não encontrou mais nada. Em outra gaveta havia camisetas. Brancas, pretas, cinza, algumas com emblemas de equipes esportivas na frente.

— Os outros têm mais coisas parecidas — anunciou Peabody ao voltar. — Coisas de homem.

— Defina “coisas de homem” — pediu Eve, enquanto removia a gaveta de baixo da cômoda.

— Uma bola de golfe exposta numa caixa de vidro, pilhas de discos, um par de luvas de boxe, esse tipo de coisa.

— Verifique aquele guarda-roupa ali. — Eve tirou a gaveta por completo e verificou tudo, inclusive o fundo e a parte de trás.

— Ternos de padre, dois conjuntos de calças e uma daquelas túnicas. Um par de sapatos pretos que parecem muito usados e mais dois pares de botas de cano alto; um está detonado. Na prateleira interna... — Peabody fez uma pausa enquanto revirava as coisas. — Roupas de frio. Dois suéteres, dois moletons e uma jaqueta com capuz. Dos Knicks.

Depois de verificar todas as gavetas, as costas, os fundos e as laterais, Eve arrastou a cômoda para longe da parede e examinou a parte de trás do espelho.

Com Peabody, ela foi para junto da mesa. Havia uma agenda ali, alguns cubos de lembretes autoadesivos, uma pequena pilha de livros do centro de jovens, a programação dos jogos dos Yankees para a temporada e outra dos Knicks.

Eve verificou as últimas anotações na agenda.

— Vigília para Ortiz na capela funerária ontem à noite. Um jogo dos Yankees na última quarta-feira. Vamos ver se alguém daqui foi com ele. Aqui também está marcado PC para domingo que vem, sem ser esse o outro, às duas da tarde. Preciso descobrir o que é isso. Temos alguns jogos e sessões no centro de jovens agendados aqui. E há uma Preparação Pré-C. Também vou precisar que alguém me diga o que é isso. Duas dessas sessões aconteceram na segunda e na terça-feira passadas. Preciso saber os nomes de quem veio fazer essa tal preparação aqui. Vamos investigá-los. A missa fúnebre também está marcada na agenda. Uma aula na Igreja de São Cristóvão e um batizado marcado para o sábado que vem. Tudo isso são coisas de padre, à exceção do jogo dos Yankees.

Ela ensacou a agenda como evidência.

— Dê uma olhada no *tele-link* — ordenou a Peabody, indo examinar a mesinha de cabeceira.

Folheou a Bíblia e encontrou alguns santinhos. Em Hebreus, reparou um versículo sublinhado: *E foi assim que, depois de esperar pacientemente, alcançou a promessa.* Outro versículo fora sublinhado em Provérbios: *Comigo estão riquezas e honra, prosperidade e justiça duradouras.*

Interessante. Ela guardou a Bíblia no saco plástico para evidências. Dentro da gaveta da cabeceira havia mais alguns panfletos comunitários, além de um pequeno videogame. Eve também encontrou uma medalha de prata gravada presa atrás da gaveta.

— Ora, ora... Por que um padre prenderia uma medalha religiosa com fita adesiva atrás de uma gaveta?

Peabody interrompeu a busca.

— Que tipo de medalha?

— É uma mulher que usa um manto comprido e tem as mãos cruzadas; parece que está de pé em cima de um travesseiro ou algo assim e tem uma criança no colo.

— Provavelmente é a Virgem Maria e o Menino Jesus. E, sim, é um lugar estranho para esconder uma medalha.

Cuidadosamente, Eve descolou a fita adesiva da medalha e a virou.

— *Lino, que La Virgen de Guadalupe cuide de você... Mama.* Está com a data de 12 de maio de 2031.

— Rosa disse que achava que os pais dele tinham morrido quando ele era menino; ele teria uns 6

anos nesta data — calculou Peabody. — Talvez Lino seja um apelido, um termo carinhoso em espanhol?

— Sim, pode ser. Mas por que razão prender a medalha com fita na parte de trás de uma gaveta em vez de usá-la ou mantê-la *dentro* da gaveta? Sacerdotes podem usar joias? — perguntou Eve a si mesma, em voz alta.

— Provavelmente não usam grandes anéis ou correntes de ouro, mas eu já os vi com crucifixos pendurados, medalhas e outras coisas. — Para ver mais de perto, Peabody se inclinou. — Como essa.

— Sim. Sim. Então por que isso estava escondido? Você esconde um objeto para que ninguém o veja, mas o coloca perto de você quando quer olhar para ele de vez em quando. Isso era importante para ele, não importa se era dele, de um amigo, de um parente ou se ele o conseguiu numa loja de objetos usados. A verdade é que era importante. Parece prata — murmurou —, mas não está manchada. Você precisa ficar sempre polindo a prata para mantê-la brilhante.

Depois de mais uma longa análise, ela ensacou a medalha.

— Talvez possamos rastrear a origem dela. E quanto ao *tele-link*?

— Há registro de ligações dele para Roberto Ortiz, o filho mais velho ainda vivo do sr. Ortiz. Também tem algumas ligações dele para o centro de jovens e uma mais antiga, feita na semana passada, para o padre Freeman.

— Certo, vamos dar uma olhada e ouvir tudo. E vamos chamar os peritos para examinar este local. Depois, quero que este quarto seja lacrado.

Ela pensou nos dois versículos sublinhados e se perguntou quais riquezas e honras Flores esperava.

CAPÍTULO DOIS

Foi um longo caminho do Spanish Harlem até o Lower West Side e a Central de Polícia. Tempo suficiente para Peabody fazer uma pesquisa inicial no nome de Miguel Flores e recitar os fatos mais importantes enquanto Eve costurava no tráfego por grande parte da extensão de Manhattan.

— Miguel Ernesto Flores — leu Peabody no tablet. — Nascido em 6 de fevereiro de 2025, na cidade de Taos, Novo México. Os pais, Anna Flores Santiago e Constantine Flores, foram mortos num assalto à mercearia deles, no verão de 2027. A mãe estava grávida de sete meses.

— Os ladrões foram pegos?

— Foram, sim. Dois rapazes que tinham acabado de completar 18 anos. Ambos estão cumprindo sentenças de prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional. Flores foi para um orfanato estadual.

— A inscrição tem a data de 2031, quando sua mãe já estava morta havia quatro anos. Então, quem é “mamãe”?

— Talvez a mãe adotiva?

— Pode ser.

— Ele cursou o ensino fundamental em uma instituição pública, mas cursou o ensino médio e a faculdade em estabelecimento de ensino católicos e particulares.

— Particulares? — interrompeu Eve, rosnando em seguida quando um táxi da Cooperativa Rapid Cab a cortou. — Isso custa muita grana.

— Custa mesmo. Talvez tenha conseguido bolsa de estudos, vou pesquisar. Entrou para o seminário assim que terminou a faculdade; passou vários anos trabalhando e morando no México. Conseguiu dupla cidadania. Foi transferido para a Igreja de São Cristóvão em novembro de 2054. Hummm, há um buraco nessa cronologia. Sua última posição tinha sido em uma missão de Jarez, até junho de 2053.

— Então, onde foi que Flores esteve por mais de um ano e o que andou fazendo? Ele devia ter um chefe, como López. Um pároco ou sei lá como se chama. Vamos descobrir. Algum registro criminal de contravenções ou mau comportamento típicos da adolescência?

— Não, e também nada que informe algum registro confidencial.

— Educação católica de boa qualidade é muito cara. A menos que ele tenha conseguido alguma bolsa de estudos que cobrisse praticamente tudo, como conseguiu pagar? De onde veio o dinheiro? Vamos

precisar descascar algumas camadas para chegar lá.

Eve franziu a testa quando ultrapassou um maxiônibus.

— A vítima usava um relógio barato e tinha menos de quarenta dólares na carteira. Quem paga salário para esses caras? Será que eles recebem para trabalhar? Há uma carteira de identidade normal, mas ele não tinha cartões de débito ou de crédito. Nem carteira de motorista. Só uma cruz de prata.

— Talvez o papa pague salários para eles. — O rosto quadrado de Peabody ficou pensativo. — Não diretamente, mas o papa é o chefe da Igreja, então talvez o dinheiro venha dele. Afinal, padres precisam viver... compram comida, roupas e têm despesas com transportes.

— Menos de quarenta paus na carteira e sem dinheiro no quarto. Vamos ver se existem contas bancárias em seu nome. — Eve batucou com os dedos no volante. — Precisamos ir ao necrotério para ver se Morris conseguiu determinar a *causa mortis*.

— Se foi veneno, não me parece suicídio. Além do mais — Peabody acrescentou —, eu sei que os católicos são totalmente contrários a isso e não estou convencida de que um padre possa ter tirado a própria vida.

— Seria muito cruel fazer isso no altar de uma igreja cheia, diante da congregação e durante uma cerimônia fúnebre — comentou Eve. — Ou... irônico. Mas não, também não me convence. As declarações das testemunhas confirmam que ele seguiu o ritual padronizado da cerimônia com naturalidade. Quando alguém pretende ingerir vinho misturado com veneno... mesmo que a pessoa esteja morrendo... hahaha... de vontade de se matar, demonstraria algum nervoso ou hesitação na hora H. Um momento do tipo “*Ok, é agora que eu mergulho no vazio*”. Ou algo assim.

— Talvez ele não fosse um alvo específico. Pode ser que quem tenha preparado o vinho quisesse apenas matar um padre. Tipo uma vingança religiosa genérica.

— O veneno não foi colocado para o culto da manhã, mas estava lá... se é que foi veneno... na bebida da cerimônia fúnebre. Talvez alguém tenha entrado sem ser visto, arrombou a caixinha e colocou a substância no vinho sem saber quem seria o primeiro a beber dele. Mesmo assim, eu acredito que o padre Flores tenha sido o alvo pretendido.

Mas resolveu manter seu relatório em suspenso até conversar com Morris.

No ar gélido e artificial, a morte entrava e saía sorrateiramente, como a deusa de todos os ladrões. Não havia quantidade de filtragem, vedação ou limpeza que conseguisse remover por completo o cheio doce e insidioso da carne humana. Já acostumada com isso, Eve atravessou os brancos e duramente iluminados corredores do necrotério, pensou por fugazes instantes em pegar uma lata de Pepsi em uma das máquinas automáticas, nem que fosse para aumentar o nível de cafeína no sangue, mas desistiu e abriu uma das portas de uma sala de necropsia.

Surpreendeu-se ao ser tomada pelo romântico perfume de rosas. Ali estavam elas, vermelhas como sangue fresco, em uma das mesas giratórias usadas para guardar as ferramentas desagradáveis do ofício realizado ali. Eve estudou a imensa quantidade delas e se perguntou se o cadáver nu atrás deles apreciaria sua elegância.

Também era elegante o homem que cantarolava junto com o coral de belas vozes fluindo daquele ar perfumado pelas rosas. Morris, o chefe dos legistas, vestia preto naquele dia, mas não havia nada de mórbido ou funéreo no seu terno com corte elegante. A camiseta azul-néon, provavelmente de seda, servia para deixar um pouco mais sofisticado o estilo da roupa, supôs Eve. Ele tinha espetado um dos

botões de rosa vermelha na lapela e trançara cordões vermelhos e azuis ao longo de seu comprido rabo de cavalo negro.

A capa protetora transparente que vestia sobre a roupa não diminuía em nada a sua sofisticação e, quando ele virou seus olhos exóticos para Eve e sorriu, a tenente teve de admitir para si mesma que o belo rosto dele elevava ainda mais o seu estilo.

— Belas flores — elogiou ela.

— São mesmo, não é? Foram enviadas por uma amiga. Decidi trazê-las para cá. Elas dão um pouco mais de classe a este lugar, não acham?

— São magníficas! — empolgou-se Peabody, aproximando-se e aspirando o ar. — Puxa, há mais de duas dúzias aí. Um tremendo tributo!

Esse era um stratagema óbvio para arrancar mais informações sobre a remetente das flores, mas Morris simplesmente continuou a sorrir.

— Sim, ela é uma boa amiga. De repente, me ocorreu que eu já deveria ter enfeitado este lugar com flores antes. Afinal de contas, é tradicional trazê-las para os mortos.

— Por que será? — perguntou-se Eve em voz alta.

— Acredito que elas sejam símbolos de uma ressurreição, uma espécie de renascimento. Algo que — continuou Morris — seu atual cliente certamente iria apreciar. Junto com... espero... a música. Este é o *Réquiem*, de Mozart.

— Certo... — Eve olhou para Flores e duvidou que ele apreciasse muito qualquer coisa naquele momento, já que estava morto sobre uma placa de pedra e com o peito aberto por um dos cortes delicados e eficazes em forma de Y que Morris sabia fazer tão bem. — Como ele chegou aqui?

— A estrada da vida é longa e sinuosa. Mas a dele acabou com uma dose de veneno misturada ao seu pão e vinho.

— Cianeto.

Morris inclinou a cabeça em sinal de concordância.

— Cianeto de potássio, para ser preciso. Dissolve-se facilmente em líquido, e a dose foi letal. Tão elevada, na verdade, que conseguiria derrubar um rinoceronte. Ainda não terminei aqui, mas, apesar de estar morto, ele me parece um cadáver muito saudável. Muito bem-disposto, embora não esteja pronto para o amor.

— Como assim?

— Uma brincadeira com a letra de uma antiga canção. As lesões foram resultantes da queda. Ele ingeriu cereal de trigo, bananas reidratadas, iogurte e café de soja aproximadamente três horas antes da morte. Em algum momento do passado, quando ainda estava na puberdade, sofreu uma fratura no rádio do braço esquerdo, que se curou muito bem, por sinal. Suponho que ele se exercitava regularmente... podemos dizer *religiosamente*, pois é adequado aqui... e também praticava esportes.

— Sim, isso combina com a história dele.

— E pode explicar um pouco do desgaste nas articulações, mas não me satisfaz em relação às cicatrizes.

— Que cicatrizes?

Morris chamou Eve mais para perto com o indicador em gancho e lhe ofereceu um par de micro-óculos.

— Vamos começar aqui. — Ele ajustou o foco para que Peabody pudesse acompanhar tudo pela tela do monitor e, em seguida, se debruçou junto com Eve sobre o corpo de Flores. — Bem aqui, entre a quarta e a quinta costelas. Uma marca fraca, acredito que alguém tenha feito uma tentativa de restaurar a pele com Nu Skin ou algo semelhante para tentar reduzir a marca da cicatriz. Só que o Nu Skin não ajudou na costela propriamente dita, que ainda carrega sua própria cicatriz. Veja só...

Peabody emitiu um som gutural, atrás deles, quando Morris expôs a caixa torácica.

Eve estudou a costela através dos micro-óculos.

— Um ferimento de faca.

— Sim, exatamente. E houve um segundo aqui. — Ele indicou a cicatriz mais fraca no peitoral superior direito. — Vou fazer os testes, mas a minha experiência de especialista coloca a primeira ferida com não menos de cinco e não mais de dez anos de idade; a segunda tem entre dez e quinze. E tem mais esta aqui, no antebraço esquerdo. Como eu disse, mal conseguiriam ser percebidas a olho nu. Fizeram um bom trabalho.

— Isso não é uma cicatriz de ferimento — murmurou Eve, enquanto analisava o padrão mais claro da pele. — Foi remoção de tatuagem.

— Isso mesmo, minha premiada aluna! — Morris lhe deu um rápido tapinha de aprovação nas costas. — Vou enviar uma cópia ampliada dessa imagem para o laboratório. Eles deverão ser capazes de recriar a imagem que o seu padre mandou tatuar no braço. Agora, vamos para algo realmente interessante. Ele se submeteu a um trabalho de cirurgia plástica no rosto.

A cabeça de Eve se ergueu subitamente e seus olhos arregalados se encontraram com os de Morris.

— Que tipo de trabalho?

— Serviço completo, me parece. Só que eu ainda não terminei os exames. Posso, porém, lhe assegurar que foi um trabalho de primeira classe, e esse tipo de intervenção sofisticada é caríssimo. Poderíamos dizer que está muito além da carteira de um servo de Deus.

— Sim, poderíamos dizer. — Lentamente, ela tirou os micro-óculos. — Há quanto tempo ele fez esse trabalho?

— Vou precisar trabalhar na minha magia para refinar essa informação, mas acredito que tenha sido mais ou menos na mesma época em que removeu a tatuagem.

— Um padre com tatuagem que participa de lutas de faca. — Eve colocou os óculos debaixo da abundância de rosas vermelhas. — Que apareceu por aqui há seis anos com um novo rosto. Sim, isso é muito interessante.

— Quem tem trabalhos tão divertidos quanto o nosso, Dallas? — Morris sorriu para ela. — Não somos uns sortudos?

— Bem, com certeza temos mais sorte que esse padre morto.

— Fico me perguntando quem terá feito isso — começou Peabody, no instante em que elas começaram a caminhar pelo corredor branco.

— Claro que eu também me pergunto quem foi. Sou paga para me perguntar quem foi.

— Não é isso... quer dizer, também é. Mas estou falando das rosas. Quem teria mandado todas aquelas rosas para Morris e por quê?

— Por Deus, Peabody, o porquê é óbvio. Não acredito que transformei você numa detetive. O

porquê é: “Obrigada por me comer e me levar a um plano elevado da existência.”

— Não deve ter sido isso — retrucou Peabody, levemente ofendida. — Pode ter sido um agradecimento por ele tê-la ajudado com a mudança para um novo apartamento.

— Quando alguém recebe um agradecimento por carregar móveis, o presente é uma caixa com seis latas de cerveja. Uma tonelada de rosas vermelhas é para sexo. De boa qualidade e em grande quantidade.

— Eu ofereço a McNab sexo de muito boa qualidade e nunca recebi toneladas de rosas vermelhas.

— Vocês moram juntos, o sexo faz parte das atividades de rotina.

— Aposto que Roarke compra flores para você — murmurou Peabody.

Ele comprava?, perguntou-se Eve. Sempre havia flores em toda a casa. Eram para ela? Será que deveria reparar nelas? Retribuir? Meu Deus, por que ela estava pensando nisso?

— O “quem foi” também é fácil de adivinhar. Provavelmente a policial que é uma beldade sulista com comissão de frente avantajada que Morris anda comendo nos últimos tempos. Agora, já que esse mistério está resolvido, talvez possamos passar alguns minutos tentando contemplar a história do cara morto que acabamos de deixar em cima da mesa de autópsia.

— A detetive Coltraine? Ela não vem a Nova York há mais de um ano. Como é que pode estar pegando Morris?

— Peabody!

— Estou só comentando... Acho que, se uma mulher merece pegar Morris, ela deveria ser uma de nós. Não no sentido uma de nós duas, porque estamos *comprometidas* — os olhos castanhos de Peabody cintilaram de insulto —, mas pelo menos uma policial que estivesse aqui pela área há, pelo menos, mais de cinco minutos.

— Se você não pode pegar Morris, por que se importa com quem pega? — Você também se importa — murmurou Peabody ao se sentar no banco do carona. — Você sabe que sim.

Talvez um pouco, mas Eve não precisava admitir.

— Será que eu conseguiria fazer você se interessar pela história de um padre morto?

— Ok, tá legal. — Peabody soltou um suspiro longo e triste. — Ok, o lance da tatuagem não é necessariamente importante. As pessoas fazem *tattoos* e depois mudam de ideia, isso acontece o tempo todo. É por isso que as temporárias são uma solução mais inteligente. Ele poderia ter feito essa tatuagem quando era mais jovem e depois decidiu que isso não era, sei lá, digno o suficiente para o seu trabalho.

— E os ferimentos de faca?

— Às vezes sacerdotes e outros religiosos circulam por áreas arriscadas e enfrentam situações complicadas. Ele pode ter sido esfaqueado tentando ajudar alguém. E a cicatriz mais antiga pode ter acontecido quando ele era adolescente, antes da santidade.

— Tudo bem, aceito as duas hipóteses — afirmou Eve enquanto dirigia para a Central. — E a plástica?

— Isso é mais difícil. Talvez ele tenha se ferido. Pode ter sofrido um acidente de carro, digamos, e seu rosto virou um patê. Talvez a igreja ou um membro da congregação tenha pagado pela reconstrução.

— Vamos verificar os registros médicos e investigar.

— Mas você não acredita nessa hipótese.

— De jeito nenhum.

Em sua sala na Central de Polícia, Eve redigiu seu relatório inicial e abriu um novo arquivo para o assassinato. Montou um quadro, colocou uma cópia da foto da identidade de Flores bem no centro e passou os minutos seguintes unicamente olhando para ele.

Nenhum parente. Nenhum registro criminal. Nenhuma posse terrena.

Um envenenamento público, refletiu, poderia ser visto como uma espécie de execução. O simbolismo religioso não pode ser esquecido. Seria algo óbvio e deliberado. Uma execução religiosa?

Ela tornou a se sentar e começou a montar uma cronologia a partir das declarações das testemunhas e do escrito de López.

05:00 — ele se levanta da cama. Oração da manhã e meditação (no próprio quarto).

05:15 — ele toma uma ducha e se veste.

05:40 (aproximadamente) — ele sai da casa paroquial com López rumo à igreja.

06:00 até 06:35 — auxilia López no serviço litúrgico matinal. Consome o vinho da comunhão e os biscoitinhos... ou seja... as hóstias.

06:30 (aproximadamente) — Rosa O'Donnell chega à casa paroquial, que encontra destrancada.

06:45 (aproximadamente) — Flores sai da igreja e volta para a casa paroquial com López.

07:00 até 08:00 — toma café da manhã com López, preparado por Rosa O'Donnell.

08:00 até 08:30 — ele se retira para o escritório comunal e vai revisar as leituras que serão usadas na missa de corpo presente.

08:30 — Roberto e Madda Ortiz chegam à igreja com os agentes funerários e o corpo de Ortiz.

08:40 — Flores retorna à igreja com López para saudar a família e ajudar na colocação das flores para a cerimônia.

09:00 — vai para a antecâmara (onde o tabernáculo é mantido) a fim de se vestir para a missa.

09:30 — inicia a missa.

10:15 — bebe o vinho envenenado.

Isso deu ao assassino o intervalo entre as 5h40 e as 6h30 para entrar na casa paroquial e pegar as chaves da caixa; depois, ele teve o intervalo entre sete e nove da manhã para colocar o veneno no vinho. E teve todo o tempo entre sete e dez da manhã para voltar à casa paroquial e devolver as chaves.

As janelas de tempo eram muito grandes, refletiu Eve, especialmente se o assassino era um membro da congregação e todos estavam acostumados a vê-lo entrando e saindo dali.

Mesmo sem as chaves, abrir a fechadura daquela caixa teria sido ridiculamente simples, bastando o assassino ter habilidades mínimas. O acesso às chaves também seria ridiculamente simples, em especial se o assassino conhecia sua localização e as rotinas básicas da igreja e da casa paroquial.

O “como” não era o mais importante naquele momento, embora ele certamente pudesse ajudar a prender o assassino. O “porquê” era o ponto principal. E esse “porquê” estava totalmente relacionado com Miguel Flores.

Ela pegou as fotos da medalha, imagens da frente e do verso.

Aquilo fora algo importante para ele. Importante o suficiente para ser escondido, mas para ele

manter sempre perto a fim de poder tirá-lo, tocá-lo, olhar para ele. Era uma fita adesiva nova, reparou Eve, mas havia vestígios de uma mais antiga na parte de trás da gaveta. Ele a tinha guardado ali havia algum tempo, mas a tirara do lugar recentemente.

Ela tornou a ler a inscrição.

Quem era Lino?

Um nome espanhol, descobriu, depois de uma pesquisa rápida. A palavra também significava linho ou linheiro, mas ela duvidava que isso se aplicasse ao caso.

De acordo com seu histórico, a mãe de Flores tinha morrido em 2027. Portanto, a *mama* da medalha não poderia ser Anna Flores. Havia um nome e uma frase em espanhol na imagem, mas o resto estava em inglês. Isso, para Eve, mostrava uma cultura mista. Raízes latinas e solo americano? Isso serviria para Flores também.

Seria Lino um amigo, outro padre, um amante? Flores tinha 6 anos quando a inscrição foi feita. Um órfão largado dentro do sistema.

Eve sabia tudo a esse respeito.

Talvez ela não tivesse conseguido criar vínculos próximos e duradouros nesse sistema, mas outros o fizeram. Flores poderia ter conseguido, e talvez tivesse mantido a medalha como uma conexão com esse amigo.

Mas então... Por que escondê-la?

Ele nunca fora adotado, mas recebera uma boa educação por meio da igreja. Lino teria sido o único a se interessar por ele, o único que o ajudara em sua educação?

Ela se virou para o computador e começou a cavar mais fundo através das várias camadas de Miguel Flores.

Peabody entrou e abriu a boca para falar.

— Um bom momento para você chegar — disse Eve, sem erguer a cabeça. — Vejo que minha xícara de café está vazia.

Rolando os olhos, Peabody lhe serviu uma xícara e foi até o AutoChef para programar outra.

— É um desafio obter dados médicos no México. Não há registro de tratamento para um ferimento a faca, nem qualquer procedimento cosmético feito aqui. Depois de muita persistência heroica... e por isso eu também me dei de presente este café... consegui acesso aos dados médicos dos anos que ele passou no México. Lá também não encontrei registro de tratamento algum.

Eve se inclinou para trás e tomou o café.

— O que *foi* registrado no México, afinal?

— Informações padronizadas. Exames físicos periódicos, exames de vista, revisão dentária semestral, tratamento para um vírus estomacal e um corte na mão. Nada importante.

— Há-há... E durante os cinco anos em Nova York?

— Nada muito diferente. Exames anuais, blá-blá-blá, dois tratamentos para torções musculares, um para o dedo indicador deslocado e outro para um joelho ferido.

— Lesões provavelmente relacionadas a esportes. — Tamborilando na mesa com os dedos, Eve refletiu. — Engraçado... Ele não teve lesão esportiva de nenhum tipo nem tratamentos dessa espécie enquanto morou no México. Consiga os registros dentários dele durante a temporada no México.

— Caramba! Você imagina quanta burocracia eu vou ter que enfrentar para descolar isso? Além do

mais, ele se mudou várias vezes, o que significa mais de um dentista, e é coisa ligada à Igreja *Católica*, então eles demoram a liberar as informações, posso lhe garantir. Por que você está querendo...

Levou algum tempo, observou Eve, mas Peabody acabou percebendo.

— Você acha que o morto não é Miguel Flores?

— Acho que o nome do morto era Lino.

— Mas... Isso significa que talvez ele não fosse padre; mesmo assim, estava no altar rezando missas, casando e enterrando pessoas.

— Talvez Deus o tenha matado por isso. Caso encerrado. Vamos prender Deus antes do fim do expediente. Quero esses registros dentários mexicanos e os de Nova York também.

— Tenho certeza de que esse papo de prender Deus é blasfêmia. — Pensativa, Peabody tomou outro gole de café. — Por que alguém fingiria ser padre? A pessoa não pode ter *nada* nem fazer sexo. Precisa conhecer todas as regras... e eu acho que existe um monte delas.

— Talvez ele tenha feito um estudo rápido ou aprendido depressa. Pode ser que achasse valer a pena. E talvez *seja* Miguel Flores. Vamos ver a arcada dentária para descobrir.

Quando Peabody se afastou, Eve se virou para estudar a foto no quadro e sussurrou:

— Mas você não é ele. Estou certa, Lino?

Ela ativou o *tele-link* e fez suas próprias ligações para o México.

Levou vinte minutos e sentiu o início de uma dor de cabeça irritante, mas finalmente chegou a alguém que não só falava um inglês excelente, como também conhecia Miguel Flores pessoalmente.

O homem era velho, muito velho. Tinha dois caminhos finos de cabelo branco que lhe desciam pelos lados de sua cabeça calva e sardenta de tanto pegar sol. Seus olhos em tom de castanho turvo a observavam atentamente. Seu colarinho branco pendia frouxamente sobre o pescoço fino e sulcado.

— Padre Rodriguez? — começou Eve.

— O quê? O quê?

— Padre Rodriguez — repetiu ela, aumentando o volume do *tele-link*.

— Isso mesmo, estou ouvindo você, não há necessidade de gritar!

— Desculpe. Sou a tenente Dallas, do Departamento de Segurança e oficial de polícia da cidade de Nova York.

— Em que posso ajudá-la, tenente Ballast?

— Dallas. — Ela pronunciou as duas sílabas de forma lenta e clara. — O senhor conheceu um padre chamado Miguel Flores?

— Quem? Fale mais alto!

Meu Deus do céu.

— Miguel Flores? O senhor o conheceu?

— Sim, conheço Miguel. Serviu aqui na missão de São Sebastião quando eu era pároco. Antes de me aposentarem. Deixe-me perguntar uma coisa, irmã Ballast... Como é que um padre pode se aposentar? Somos chamados para servir a Deus. Será que não sou mais capaz de servir a Deus?

Eve sentiu um músculo se contorcer sob seus olhos.

— É tenente. Sou uma policial de Nova York. O senhor pode me dizer quando viu Miguel Flores pela última vez?

— Quando ele enfiou na cabeça que precisava de um ano ou pouco mais para viajar, explorar sua fé

e determinar se a vocação era verdadeira. Tolice! — Rodriguez deu um tapa com a mão ossuda contra o braço do que parecia uma cadeira de rodas. — Aquele menino já nasceu sacerdote. Mas o bispo concedeu essa licença, e ele a aproveitou.

— Isso teria sido há cerca de sete anos?

Rodriguez olhou para longe.

— Não sei... Os anos vem e vão.

Estou desperdiçando meu tempo, pensou Eve, mas insistiu.

— Vou lhe enviar uma foto.

— Para que eu vou querer uma foto sua?

— Não, não é a *minha* foto. — Ela se perguntou se havia um santo em particular a quem pudesse apelar para obter paciência suficiente e terminar a conversa sem gritar de desespero. — Vou transmitir uma imagem. Vai aparecer na sua tela. O senhor pode me dizer se é Miguel Flores?

Ela fez a transmissão e viu Rodriguez apertar os olhos em fendas minúsculas enquanto se inclinava para a frente até quase ficar com o nariz tocando a tela.

— Pode ser. Não é uma imagem clara.

É tão clara quanto cristal, pensou Eve.

— Há mais alguém disponível que tenha conhecido Flores?

— Eu. Já não lhe disse que eu o conheço?

— Sim, disse. — Eve tirou a foto da tela e respirou fundo. — O senhor teve notícias dele, de Flores, desde que ele partiu em suas viagens?

— Foi um ano sabático. — Rodriguez fungou ao pronunciar a palavra. — Mandaram o padre Albano para substituí-lo. Ele está sempre atrasado. Pontualidade é um sinal de respeito, não é verdade?

— E Flores? O senhor teve notícias de Miguel Flores desde que ele partiu?

— Isso mesmo, partiu e não voltou mais, não é? — reagiu Rodriguez, com considerável amargura. — Ele me escreveu uma ou duas vezes. Talvez mais. Do Novo México, o lugar de onde veio. E também do Texas... ou Nevada, eu acho. E algum outro lugar. Então chegou uma carta do bispo. Miguel pediu e foi transferido para uma paróquia em Nova York.

— O senhor poderia me informar o nome do bispo que concedeu a transferência?

— Quem o quê?

Eve repetiu, aumentando mais uma vez o volume.

— Bispo Sanchez. Ou talvez tenha sido o bispo Valdez.

— O senhor ainda tem as cartas? As cartas que Flores escreveu?

— Não. — Rodriguez franziu a testa, ou Eve achou que o fez. Era difícil dizer. — Mas eu recebi um cartão-postal. Será que guardei o cartão-postal? Veio do Álamo. Ou... Pode ter vindo do padre Silvia.

Um dia, lembrou-se Eve, ela seria tão velha e irritante quanto Rodriguez. Então ela iria colocar a própria arma na boca e acabar com esse problema.

— Se o senhor encontrar o cartão-postal e ele for de Flores, agradeceria muito se o enviasse para mim. Vou tornar a procurá-lo para lhe mandar meus dados para contato.

— Por que eu mandaria um cartão-postal para você?

— Estou investigando a morte de um padre que foi identificado como Miguel Flores.

Alguns dos borrões desapareceram dos olhos negros.

— Miguel? Miguel está morto?

— Um homem identificado como Miguel Flores morreu esta manhã.

O velho inclinou a cabeça e murmurou em espanhol o que Eve imaginou ser uma oração.

— Sinto muito pela sua perda.

— Ele era jovem, ávido. Um homem inteligente que se questionava muitas vezes. Talvez com demasiada frequência. Como ele morreu?

— Foi assassinado.

Rodriguez se benzeu três vezes e depois fechou a mão sobre o crucifixo que trazia em volta do pescoço.

— Então ele está com Deus agora.

— Padre Rodriguez, Flores tinha uma medalha de prata com a imagem da Virgem de Guadalupe?

— Não me lembro. Mas sei que ele carregava sempre um medalhão de santa Ana para honrar sua mãe, que morreu quando era menino.

— Flores conhecia, tinha negócios ou amizade com alguém chamado Lino?

— Lino? Não é um nome incomum aqui. Pode ser que sim.

— Obrigado, padre. — Você está perseguindo a própria cauda a partir de agora, avisou Eve a si mesma. — Agradeço muito pelo seu tempo.

— O jovem Miguel foi para Deus — murmurou ele. — Preciso escrever para o monsenhor Quilby.

— Quem é esse monsenhor?

— O patrono de Miguel. Seu mentor, pode-se dizer. Ele certamente precisa ser avisado... Ah, mas ele também está morto. Sim, morreu há muito tempo. Então não sobrou mais ninguém para eu contar.

— Onde Miguel conheceu o monsenhor Quilby?

— No Novo México, quando era menino. O monsenhor cuidou para que Miguel tivesse uma boa educação e o orientou para o sacerdócio. Ele era o pai espiritual de Miguel. Miguel falava dele muitas vezes e planejava visitá-lo durante suas viagens.

— Ele ainda estava vivo quando Flores tirou o ano sabático?

— Sim, mas já estava morrendo. Isso foi parte do motivo de Miguel querer sair um pouco e também parte de sua crise de fé. Agora eu preciso sair e orar pelas almas deles.

Rodriguez encerrou a ligação de forma tão abrupta que Eve piscou de surpresa.

Uma carta vinda do Novo México, um pai espiritual que estava morrendo no Novo México. Era uma aposta segura afirmar que Flores tinha feito uma visita a Quilby durante o ano sabático.

E então?, perguntou-se ela. *Para onde os sacerdotes vão para encontrar a morte?*

CAPÍTULO TRÊS

Eve teve uma conversa bem mais objetiva com a irmã Patricia, médica assistente de Alexander Quilby durante os seus últimos dias no Lar de Aposentadoria do Bom Pastor.

Enquanto ela refletia sobre as informações e as acrescentava às notas, Peabody entrou cambaleando e ergueu as mãos.

— Fui esquartejada pela burocracia. A perda de sangue está me deixando fraca.

— Anime-se, detetive. Onde estão os registros dentários?

— Presos na malha da burocracia. Achei o dentista, só que ele também é um diácono e um debiloide, para piorar. Consegui alcançar os três Ds. Não vai liberar os registros, a menos que o seu bispo aprove.

— Consiga uma ordem judicial.

— Estou trabalhando nisso. — Ela ergueu as duas mãos. — Você não consegue ver minhas cicatrizes? A clínica dentária é ligada à Igreja; os juízes e os auxiliares ficam loucos quando religião entra em cena. Nossa vítima está morta e já foi oficialmente identificada, só que ninguém quer liberar os registros da sua arcada dentária até que esse tal bispo dê sua bênção ou algo assim. Está acontecendo praticamente a mesma coisa com todos os registros de Nova York.

— Pois então fale com o bispo e peça que ele assine a liberação.

— Você vê o sangue se empoçando ao redor dos meus pés? — insistiu Peabody, apontando para seus tênis vermelhos com amortecimento. — Cheguei até o assistente do bispo, o que já foi uma batalha cruel com muitas baixas. O resultado é que eu tive que redigir um pedido por escrito para três destinatários e enviá-lo para a sede episcopal. O bispo vai analisar o pedido e nos informará sobre a decisão dentro de dez dias.

— Isso é conversa-fiada.

— Preciso de uma bebida alcoólica e de um cochilo.

— Coloque o assistente no *tele-link*. A partir daqui mesmo.

— Só se eu puder ficar para assistir.

Peabody fez a ligação e se jogou na única cadeira para visitas, que já estava meio desconjuntada e ficava em frente à mesa de Eve.

O assistente, padre Stiles, apareceu na tela. Eve decidiu que ele parecia piedoso e bajulador ao mesmo tempo.

— Aqui fala a tenente Dallas, da Polícia de Nova York.

— Sim, tenente, acabei de falar com a sua assistente.

— Ela é minha parceira — retrucou Eve, e reparou no gesto cansado de Peabody, que ergueu os dois polegares.

— Parceira então, me desculpe. Expliquei o protocolo a seguir para a requisição.

— E agora vou explicar algo para você. Há um morto no necrotério que pode ou não ser Miguel Flores. Quanto mais tempo você me enrolar, mais tempo ele vai continuar deitado naquela gaveta fria. E, quanto mais tempo ele continuar lá deitado, mais facilmente pode vazar a informação de que um sujeito de chapéu pontudo no Novo México está obstruindo uma investigação de assassinato.

Um ar de puro choque, que parecia sincero, fez com que os olhos de Stiles se arregalassem.

— Minha jovem, sua falta de respeito não vai levar...

— Tenente. Tenente Eve Dallas, Divisão de Homicídios da Polícia de Nova York. Eu não lhe devo respeito. Não o conheço. Também não conheço o bispo, então, bem, nada de respeito aí também. Estou cagando e andando se vocês me respeitam ou não, mas vão respeitar a lei.

Ela deu a ele meio segundo para falar, antes de prosseguir com o ataque.

— Se você for inteligente, vai respeitar o poder da mídia, meu chapa, a menos que queira isso espalhado por todos os noticiários. E se você me sacanear, pode ter certeza de que eu também vou sacanear você. Portanto, é melhor que o bispo de Nova York converse com o bispo do México e diga aos dois dentistas para mandarem os registros que eu preciso para a minha mesa amanhã ao meio-dia, hora de Nova York do contrário, vocês vão conhecer um inferno instantâneo. Sacou?

— Essas ameaças não vão conseguir...

— Você entendeu errado. Não existem ameaças. Existem fatos. Existe o inferno. Instantâneo.

— Há canais para serem percorridos dentro da hierarquia da Igreja, e este é um pedido duplo e internacional. Tais assuntos levam...

— *Sacerdote envenenado com vinho sacramental durante uma missa de corpo presente. A hierarquia católica bloqueou a investigação policial.* Esta é uma bela manchete. Surgirão outras. Hum... que tal esta: — continuou, agora em um tom mais alegre — *Corpo de sacerdote apodrece no necrotério enquanto os bispos bloqueiam a identificação oficial do morto.* São só registros de uma arcada dentária. São apenas dentes! Quero tudo aqui ao meio-dia, ou vou visitar você pessoalmente com um mandado de prisão por obstrução da justiça, e seu nome estará nele.

— Prometo, é claro, conversar com o bispo.

— Boa. Faça isso agora.

Ela cortou a ligação e se recostou na cadeira.

— Sou sua escrava — afirmou Peabody. — Enxugo lágrimas de reverência que escorreram pelas minhas bochechas.

— Tá, reconheço que isso foi divertido. Acabei de ter uma conversa mais tranquila, embora muito menos divertida, com uma que também é médica... uma freira-médica — supôs Eve — que trabalha em uma casa de repouso para padres aposentados em...

— Eles têm isso? Casas de repouso para padres aposentados?

— Pelo visto, sim. O padre que patrocinou e orientou Flores, cuidou da educação dele, assim por diante, foi paciente dessa freira. Flores se afastou do trabalho e gozou de um período sabático faz uns

sete anos, no México. Suponho que o período foi de um ano, mais ou menos. Esse velho padre, Quilby, estava doente na época. Quase morrendo. Flores o visitou. A irmã médica se lembra dele, pois Quilby tinha mencionado o pupilo muitas vezes, e os dois trocavam correspondência.

— Ela conseguiu identificá-lo pela foto?

— Não teve certeza. Já faz sete anos desde essa visita. Ela diz que a foto se parece com ele, mas também tem a impressão... ou acha que lembra... de que ele tinha o rosto mais cheio, redondo, e menos cabelo. Essas características podem mudar com o tempo, de modo que não existe certeza de um jeito nem de outro. Flores deixou o número do *tele-link*, informações de contato eletrônico, e pediu à irmã que ela entrasse em contato com ele caso Quilby falecesse. Ela realmente entrou em contato com o padre mais ou menos cinco meses depois, após a morte de Quilby. Só que ele não respondeu nem participou do funeral. Era desejo de Quilby, com o qual Flores concordou, que Flores celebrasse a missa fúnebre dele. O problema é que Flores não entrou mais em contato com a antiga casa desde que se despediu de Quilby, em julho de 2053.

— O cara que educou você, o cara que você fez questão de visitar logo depois de deixar o seu trabalho, morre, e você não vai homenageá-lo? Não é uma atitude muito sacerdotal. Nem muito humana. — Peabody estudou a foto no quadro de Eve. — Precisamos encontrar mais pessoas que conheceram Flores antes de ele vir para Nova York.

— Estou correndo atrás disso. Tenho mais dois ângulos para abordar. O DNA de Flores não está no arquivo, mas pedi para Morris enviar uma amostra do DNA da vítima para o laboratório. Quem sabe damos sorte? Enquanto isso, não importa se o cara era Miguel Flores ou o Zé Bundão, ele continua morto. Vamos falar com Roberto Ortiz.

Eve imaginou que o funeral e as cerimônias de despedida já teriam terminado. Descobriu que isso não havia acontecido quando localizou Roberto Ortiz e mais de duzentos amigos e familiares no restaurante Abuelo's, pertencente à família.

Roberto era um homem alto e marcante que carregava os seus mais de 80 anos em uma estrutura robusta. Quando Eve lhe pediu para conversar com ele e com a esposa, ele as conduziu até o terceiro andar, onde o nível de ruído era significativamente menor, e entrou em um salão decorado com sofás coloridos e cartazes artísticos e ousados.

Um desses cartazes exibia a amiga mais antiga de Eve, a atual rainha do pop, com suas músicas e vídeos. Na foto, Mavis Freestone vestia unicamente um arco-íris de extensões capilares artisticamente retorcidas que lhe cobriam os mamilos e desciam até o espaço entre as pernas, além de um imenso sorriso.

Em contraste nítido com a foto, alguém colocara no telão de relaxamento imagens de um prado plácido sob um doce céu azul.

— Nós mantemos este apartamento para uso da família. A neta do meu primo mora aqui, no momento. Ela está na faculdade e ajuda no restaurante. Por favor, sentem-se. — Quando Eve e Peabody o fizeram, ele se largou sobre uma cadeira com um suspiro demorado e suave.

— Foi um dia longo para o senhor — comentou Eve.

— Meu pai teve uma bela vida. Aproveitou cada momento de cada dia de sua existência. Teve uma vida plena. Abriu este restaurante quando tinha 25 anos e o batizou em homenagem ao seu avô. Depois

ele próprio se tornou pai, e seus filhos tiveram filhos, que também se multiplicaram. Família, comunidade, igreja. Estes eram os seus amores e crenças mais fortes. A ordem variava — assinalou Roberto com um sorriso. — Cada momento de cada dia pelo resto da minha vida, vou sentir falta dele.

Ele suspirou de novo e completou:

— Mas não é sobre o meu pai que a senhora veio conversar. É sobre o padre Flores. Que Deus o tenha!

— O senhor o conheceu pessoalmente?

— Ah, claro. Ele era muito ativo na paróquia e na comunidade. Ofereceu muito tempo e energia ao centro de jovens. Minha família toda é ativa lá. Alguns contribuem financeiramente; aqueles que podem doam um pouco de tempo e energia. Pensar que algo assim aconteceu, ainda mais dentro da igreja... é inimaginável.

— O senhor e a sua esposa foram os primeiros a chegar, com a equipe da funerária.

— Exato. — Ele olhou para cima quando duas mulheres e um jovem apareceram com bandejas que traziam comida e bebida. — Vocês vão comer — decretou Roberto quando os pratos, os copos e a comida foram servidos.

— Eu trouxe chá gelado. — A mulher mais velha, uma loira de meia-idade com olhos cor de avelã, serviu dois copos. — Sou Madda Ortiz. Desculpem interromper. — Ela acenou para os outros dois com um sorriso ausente e, em seguida, se sentou no braço da poltrona do marido. — Por favor, continuem.

— Antes eu preciso apenas dizer uma coisa... — anunciou Peabody. — Isso está com uma cara ótima.

Madda sorriu para Peabody.

— Aproveitem tudo.

— Lamentamos interromper sua reunião, sra. Ortiz. A senhora e seu marido foram os primeiros a chegar à igreja esta manhã, certo?

— Fomos para a funerária e depois para a igreja com Hector. O padre Flores... — Ela fez o sinal da cruz — ... e também o padre López nos receberam.

— Por volta de 8h40 da manhã?

— Mais ou menos — concordou Roberto. — Assim que chegamos, começamos a transferir as flores para dentro da igreja.

— Vocês viram alguém nesse momento?

— Algumas pessoas começaram a chegar logo depois, para ajudar. Meus tios e meus primos também apareceram para nos auxiliar.

— Vocês repararam se alguém entrou na antecâmara?

— O padre Flores e o padre López, é claro. Foram colocar suas vestimentas para a cerimônia. Ahn... a minha neta, o meu sobrinho e o primo de Madda também. Eles estavam servindo como ministros eucarísticos.

— Acho que Vonnie voltou logo depois — completou Madda. — Foi só falar com o padre Flores a respeito da leitura que ela iria fazer.

— Alguém antes dos sacerdotes entrou lá?

— Não que eu tenha reparado — garantiu Roberto. — Estivemos no vestíbulo por algum tempo, e

muitos de nós permanecemos dentro da igreja. Ouvimos dizer que a senhora acredita que o padre Flores tenha sido envenenado. Está perguntando isso para saber se vimos alguém que possa ter feito isso. Não vimos ninguém. — Roberto abriu as mãos. — Sinto muito.

— Foi uma cerimônia grande. Não é possível que vocês conhecessem todas as pessoas que participaram da homenagem.

— Não. — Roberto franziu a testa por um momento. — Acho que Madda e eu conhecíamos a maioria. Todos os familiares, certamente. Outras pessoas, conhecíamos bem, pelo menos de nome ou de rosto. Mas a senhora tem razão: nós não sabíamos quem eram todas as pessoas que compareceram.

— Não pode ter sido alguém da família — insistiu Madda. — Mesmo que alguém fosse capaz de cometer um ato tão terrível, nossa família nunca teria desrespeitado Hector dessa maneira.

Independentemente disso, Eve conversou com os três que haviam participado da missa. Não descobriu nada de novo, mas Peabody se encheu de comida mexicana e ainda carregou uma enorme porção para viagem.

— Meu Deus, essa foi a melhor *enchilada* que eu já comi em toda a minha *vida*. E os *chilies relenos*? — Ela lançou os olhos para cima, como se desse graças aos céus. — Por que será que este lugar está localizado do outro lado do mundo, tão longe do meu apartamento? Se bem que eu acabaria ganhando uns três quilos só de cheirar o ar lá dentro.

— Agora você pode ir embora caminhando, para queimar as calorias. Pegue o metrô e vá para casa. Vou investigar esses outros ângulos e não pretendo dirigir de volta até o outro lado do mundo. Vou trabalhar de casa.

— Beleza. Eu provavelmente consigo chegar em casa daqui, se sair agora, mais ou menos uma hora depois do fim do meu turno. Talvez chegue até mais cedo. Dallas, você realmente vai deixar vazar esse material, caso não consigamos os registros dentários até o meio-dia?

— Nunca faça ameaças a menos que você pretenda cumpri-las. Comece a fazer uma varredura no nome das pessoas que compareceram à cerimônia de hoje. Pegue os primeiros 25. Isso deverá mantê-la ocupada durante a viagem de volta.

Em vez de ir para casa, Eve voltou para a igreja. As pessoas entravam e saíam da mercearia ao lado — e também pareciam entrar e sair da casa de penhores. Vários jovens mal-encarados estavam encostados nos portais ou circulando pela calçada.

Ela caminhou até a porta da igreja, rompeu o lacre da polícia e usou sua chave-mestra.

Caminhou pelo corredor central e teve de admitir que era ligeiramente estranho ouvir os próprios passos ecoando enquanto seguia até o altar, acima do qual Jesus ainda sofria. Na porta da antecâmara, ela rompeu o segundo lacre e a destrancou.

O assassino chegou assim, imaginou. Talvez tenha vindo pelos fundos ou pelas portas laterais, mas entrou com a mesma facilidade. Com um frasco de cianeto no bolso ou na bolsa.

Tinha as chaves, isso é o que eu acho. Tinha as chaves da caixa. Só precisou esgueirar-se pela casa paroquial, pegá-las, sair de lá e entrar ali. Depois, abriu a caixa e pegou a pequena garrafa. Com as mãos seladas ou enluvadas. Despejou o cianeto, recolocou a garrafa no lugar, tornou a trancar a caixa, saiu. E devolveu as chaves para a casa paroquial.

Cinco minutos, no máximo. Dez, talvez, se ele quisesse se gabar.

Você assistiu à missa da manhã? Talvez, talvez, mas por que se colocar em destaque ali? Por que se

destacar em um grupo tão pequeno quando mais tarde você seria engolfado por uma multidão?

Você sabe a que horas a missa começa todos os dias, a que horas geralmente termina. Basta esperar que os sacerdotes saiam da casa paroquial para entrar e pegar as chaves. Você poderia entrar no saguão e escutar fora da porta, se quisesse. Esperou até eles saírem, fez o trabalho e tornou a esperar um pouco, mas se manteve ali por perto. Os sacerdotes retornaram e Rosa apareceu para ajudar a família. As chaves voltaram para a casa paroquial, você circulou um pouco por ali e se juntou aos enlutados.

Você precisava ver tudo acontecer. Precisava assistir à morte.

Porque é uma vingança. Um envenenamento público. Uma execução. Isso é vingança. Isso é castigo.

Pelo quê?

Ela voltou por onde entrara, recolocou o lacre e trancou a porta.

Só então olhou para a cruz.

— Ele não se preocupou com o seu testemunho ou não se importou com isso. Merda, talvez tenha imaginado que vocês estavam lutando do mesmo lado. Olho por olho? Esse não é um dos seus ditados?

— Esse versículo é do Antigo Testamento. — López estava parado junto às portas da frente. —

Cristo pregava perdão e amor.

Eve deu mais uma olhada na cruz e respondeu:

— Parece que alguém não deu ouvidos.

— Este era o Seu propósito. Ele veio à Terra para morrer por nós.

— Nós todos viemos à Terra para morrer. — Ela afastou essa imagem com um movimento da mão.

— O senhor tranca a casa paroquial quando vem rezar a missa?

— Sim... Não. — López sacudiu a cabeça. — Raramente.

— Trancou esta manhã?

— Não. Não, acho que não. — Ele fechou os olhos e esfregou a ponta do nariz. — Eu entendo, tenente, compreendo muito bem que a fé nos nossos próximos pode ter ajudado a trazer a morte de Miguel. A igreja nunca fica trancada. A antecâmara sim, por causa do tabernáculo, mas a igreja está sempre aberta para qualquer um que dela necessite. Sei que alguém usou essa confiança para assassinar meu irmão.

— O senhor vai passar a trancá-la a partir de agora?

— Não. Esta é a casa de Deus e não será fechada para Seus filhos. Pelo menos a partir do momento em que a senhora permitir a reabertura.

— A cena do crime será liberada até amanhã. Até depois de amanhã, no máximo.

— E Miguel? Quando poderemos velá-lo e enterrá-lo?

— Isso talvez leve mais tempo.

Ela gesticulou para que López caminhasse na frente dela, tornou a fechar a porta e trancou a sala. Acima deles, um dirigível aéreo de propaganda espalhava, com estardalhaço, frases rápidas faladas em espanhol; tudo parecia concentrar-se em torno das palavras *Sky Mall!*

Um shopping. Uma liquidação, supôs Eve, soava como liquidação em qualquer idioma.

— Alguém realmente *ouve* essas mensagens? — perguntou-se ela.

— Que mensagens?

— Exatamente. — Ela se virou, olhou para aqueles olhos profundos e tristes. — Deixe que eu lhe pergunte uma coisa, para ser direta. Matar é permitido por sua religião em alguma circunstância?

— Na guerra... Em legítima defesa... ou para defender a vida de outro. A senhora já matou.

— Sim, já.

— Mas não em seu próprio benefício.

Ela se lembrou de suas mãos manchadas de sangue depois de ter enfiado uma pequena faca em seu pai. Várias vezes, sem parar.

— Isso depende do ponto de vista.

— Vocês protegem e levam à justiça aqueles que atacam os outros. Deus conhece seus filhos, tenente, e também conhece o que há em seus corações e em suas mentes.

Ela guardou a chave-mestra novamente no bolso, mas deixou a mão lá dentro.

— Provavelmente ele não gosta do que vê dentro de mim na maior parte do tempo.

Na calçada, muita gente passava por eles apressada. Na rua, o tráfego fazia cada vez mais ruído. O ar vibrava com o som dos passos, dos negócios, das pessoas ocupadas, da vida, enquanto López continuava estudando o rosto de Eve com discrição.

— Por que a senhora faz o que faz? Todos os dias? Seu trabalho certamente a carrega para lugares que a maioria das pessoas não conseguiria enfrentar. Por que a senhora faz isso? Por que motivo é uma policial?

— É o que eu sou. — Estranho, percebeu ela, que pudesse ficar ao lado de uma pessoa que mal conhecia, um homem que ainda não poderia eliminar como um suspeito e falar assim com ele. — Não se trata de que alguém precisa fazer esse trabalho, embora, no fundo, seja exatamente isso. Eu simplesmente preciso fazer.

— Uma vocação. — López sorriu. — Não muito diferente da minha.

Ela soltou uma risada curta.

— Pois é.

— Nós dois servimos, tenente. E, para servir, cada um de nós precisa acreditar no que alguns chamariam de “abstrato”. A senhora acredita na justiça e na ordem. Na lei. Eu acredito em um poder superior e nas leis da igreja.

— O senhor provavelmente não precisa chutar tantos traseiros em sua linha de atuação.

Dessa vez foi ele quem riu, um som fácil e atraente.

— Já chutei alguns.

— O senhor pratica boxe?

— Como foi que... Ah, a senhora viu as minhas luvas.

Com isso, a tristeza em seus olhos desapareceu. Eve enxergou através do padre e chegou ao homem. Ali estava apenas um homem conversando em pé, na calçada, numa noite de primavera.

— Meu pai me ensinou a lutar. Essa é uma forma de canalizar a agressão da juventude e de evitar que o seu próprio traseiro seja chutado.

— O senhor é bom nisso?

— Para falar a verdade, temos um ringue no centro de jovens. Eu trabalho com algumas crianças. — Um ar bem-humorado dançou em seu rosto. — Quando eu consigo arrastar um dos adultos para essa atividade, venço alguns rounds.

— Flores costumava lutar?

— Raramente. Ele sempre deixava a esquerda baixa. *Sempre*. Tinha um estilo indisciplinado de

boxear, mais um estilo de luta de rua, eu diria. Em compensação, na quadra de basquete ele era um gênio. Suave, rápido, ahn... *elástico*. Ele treinava tanto os nossos jovens como os idosos. Todos vão sentir falta dele.

— Eu ia passar pelo centro de jovens antes de ir para casa.

— O local está fechado esta noite, em sinal de respeito. Acabei de vir de lá, consolei várias crianças. A morte de Miguel foi um baque para a comunidade, e o fato de ter sido um assassinato machuca com mais força ainda. — Ele suspirou. — Queríamos que as crianças ficassem em sua casa ou uns com os outros hoje à noite, talvez com a família. Vou celebrar uma cerimônia lá amanhã de manhã e continuar fazendo aconselhamento onde for necessário.

— Eu apareço amanhã, então. Antes de eu ir embora, o senhor poderia me informar o que a sigla PC significa? Flores tinha marcado isso em sua agenda.

— Primeira Comunhão. Vamos realizar a Primeira Comunhão para as nossas crianças de 7 anos daqui a algumas semanas; esta é a ocasião em que elas receberão a Sagrada Eucaristia pela primeira vez. É um evento muito importante.

— Certo. E o que é Preparação Pré-C?

— Pré-Canaã. Aconselhamento para casais que já estão noivos; deve ser feito antes de eles receberem o sacramento do matrimônio. O casamento em Canaã foi o primeiro milagre de Cristo. Ele transformou a água em vinho.

Eve quase disse “Foi um bom truque”, mas conseguiu se segurar.

— Ok, obrigada. Ah, o senhor precisa de uma carona para algum lugar?

— Não, mas eu lhe agradeço mesmo assim. — Ele se inclinou para examinar a rua, a calçada e o povo. — Não consigo me convencer a voltar para casa, mesmo tendo trabalho pela frente. Está muito vazio lá. Martin... O padre Freeman... vai chegar mais tarde, ainda hoje. Ele antecipou seu voo de volta depois que eu entrei em contato com ele e lhe contei sobre Miguel.

— Ouvi dizer que eles eram muito próximos.

— Sim, bons amigos. Gostavam muito um do outro, e isso é difícil, muito duro para Martin. Vamos conversar depois que ele chegar, o que talvez ajude a nós dois. Até lá... Acho que vou caminhar um pouco. A noite está bonita. Até amanhã, tenente.

— Boa noite.

Ela o observou se afastar e o viu parar para falar com os sujeitos mal-encarados nas portas e nos grupinhos. Depois foi em frente, sua figura estranhamente digna e muito solitária.

Não era como vir do outro lado do mundo, como Peabody tinha dito, voltar do Spanish Harlem para casa. Mas certamente era entrar em outro mundo. O mundo de Roarke, com seus graciosos portões de ferro, seus gramados verdes, suas árvores sombreadas e sua enorme casa de pedra, tão distante das mercearias e dos vendedores ambulantes quanto um castelo.

Tudo o que ficava atrás daquelas portas de ferro era outro mundo em relação a tudo que ela vira na vida até conhecer Roarke. Até ele mudar tanta coisa e ela aceitar o resto.

Deixou o carro na frente da entrada, caminhou até a porta e entrou no espaço que já se tornara seu.

Esperava que Summerset — o homem de Roarke para todos os assuntos e o tormento constante de Eve — estivesse parado de pé como a Peste Negra no amplo e impressionante saguão. Esperava que

Galahad, o gato gordo, aparecesse ali, pronto para cumprimentá-la. Mas não esperava que Roarke estivesse junto deles com seu terno cinza perfeitamente cortado sobre o corpo alto, esguio e musculoso, o rosto milagrosamente belo relaxado e a pasta de trabalho ainda na mão.

— Ora, olá, tenente. — Aqueles olhos brilhantes e muito azuis se aqueceram subitamente numa expressão de boas-vindas. — Não somos um casal pontual?

Ele andou na direção dela e *bam!*, aconteceu. Eve sempre sentia aquele impulso imediato e cambaleante no coração. Ele segurou seu queixo, deslizou seu polegar pela covinha do queixo dela e roçou aquela boca linda sobre a dela.

Algo tão simples, tão tipicamente *conjugal*. Tão milagroso.

— Oi. Que tal dar um passeio? — Sem tirar os olhos do rosto dele, Eve tomou a pasta da mão de Roarke e a entregou a Summerset. — Está gostoso lá fora.

— Tudo bem. — Ele pegou a mão dela.

Quando chegou à porta, Eve olhou para baixo e viu o gato que a seguira e continuava a se esfregar entre as suas pernas.

— Você quer ir também? — perguntou ela, abrindo a porta. Ele correu para Summerset, como se ela tivesse lhe sugerido saltar de um penhasco dentro de um vulcão infernal.

— Sair de casa significa a possibilidade de uma visita ao veterinário — explicou Roarke naquela voz que insinuava o ar de névoa, colinas e campos verdes da Irlanda. — Uma visita ao veterinário significa a possibilidade de uma seringa de pressão.

Quando saíram de casa, ela escolheu um caminho e vagou sem rumo.

— Pensei que você estivesse em outro lugar hoje. Mongólia.

— Minnesota.

— Qual a diferença?

— Um continente, mais ou menos. — Seu polegar esfregou, distraído, a aliança de casamento dela.

— Eu estava lá, mas consegui terminar mais cedo que o previsto. E agora posso dar um passeio com minha esposa em uma noite bonita em pleno mês de maio.

Ela inclinou a cabeça para observá-lo enquanto caminhavam.

— Você comprou a Mongólia?

— Minnesota.

— Dá no mesmo.

— Não. Você queria que eu comprasse?

Ela riu.

— Não consigo imaginar por que eu iria querer isso. — Contente, ela recostou a cabeça no ombro de Roarke por um instante e inspirou o cheiro dele enquanto serpenteavam por um pequeno bosque só de árvores. — Eu peguei um novo caso hoje. A vítima estava celebrando uma missa de corpo presente e bateu as botas ao tomar um vinho de Comunhão envenenado.

— Esse caso ficou com você?

Ela observou a brisa da noite dançar através da seda preta do cabelo dele.

— Você já sabia sobre o caso?

— Eu presto atenção aos crimes de Nova York, mesmo quando estou nas florestas da Mongólia.

— Minnesota.

— Ah, você estava prestando atenção, afinal. Foi no East Harlem... ou Spanish Harlem. Pensei que eles fossem designar um detetive de assassinatos daquele bairro, um que talvez tivesse alguns laços com a paróquia.

— Provavelmente não fizeram isso para assegurar mais objetividade. De um modo ou de outro, o caso é meu. — Eles saíram das árvores e passearam por uma longa extensão de verde. — Está tudo um caos. E a história também é uma isca excepcional para a mídia... ou será, se eu estiver certa.

Roarke arqueou uma sobrancelha.

— Você já sabe quem o matou?

— Não. Mas tenho certeza de que o cara morto que está deitado na casa de Morris não é um padre. Não é Miguel Flores. Um monte de gente vai ficar muito chateada com isso.

— Sua vítima estava se passando por padre? Por quê?

— Não sei. Por enquanto.

Roarke parou e se virou para encará-la.

— Se você não sabe a razão, como é que sabe que o padre era um farsante?

— Ele tinha uma tatuagem que foi removida e também dois antigos ferimentos a faca.

Ele lhe lançou um olhar que ficava entre a diversão e a descrença.

— Escute, Eve... Alguns dos sacerdotes que eu conheci ao longo dos anos conseguiriam consumir mais bebidas alcoólicas do que nós dois juntos e, ao mesmo tempo, enfrentar um monte de valentões de bar.

— Há mais coisas nessa história — continuou ela, começando a caminhar novamente enquanto contava a ele o acontecido.

Quando chegou ao embate com o assistente do bispo, Roarke parou de repente.

— Você disse desaforos a um padre?

— Acho que sim. É difícil ficar puta e fazer ameaças sem um ou outro desaforo. Além do mais, ele estava se comportando como um babaca.

— Você enfrentou a Santa Madre Igreja?

Eve estreitou os olhos.

— Por que “madre”? — Quando ele virou a cabeça meio de lado e sorriu, ela zombou. — Sei que não é esse tipo de madre. Mas, se a igreja é feminina, por que todos os sacerdotes são homens?

— Excelente pergunta. — Ele deu uma cotovelada nela de brincadeira. — Não pergunte para mim.

— Você não é católico?

Um leve indício de desconforto surgiu nos olhos dele.

— Eu não sei o que eu sou.

— Mas sua família é católica. Sua mãe era. Ela provavelmente fez aquela coisa de espargir água... Batizado!

— Não sei nada disso. — Essa ideia pareceu atingi-lo em cheio e não de um jeito bom. Ele passou uma das mãos pelo cabelo escuro. — Meu Deus, isso é algo com que eu vou ter que me preocupar, a essa altura do campeonato? De qualquer forma, depois de hoje, se você chegar ao inferno antes de mim, não se esqueça de guardar o meu lugar.

— Combinado. De qualquer forma, se eu o intimidar para conseguir os registros, vou saber com certeza se estou lidando com Flores ou com um impostor. E se for um impostor...

— Há chances de que Flores esteja morto faz cerca de seis anos. — Roarke deslizou um dos dedos pela bochecha de Eve. — E isso o transformará numa vítima sua, por via indireta.

— Ele estaria conectado ao crime, portanto... Sim — admitiu Eve —, ele seria minha vítima também. A identificação de Flores parece sólida. Então, deixe-me perguntar uma coisa: se você quisesse se esconder e talvez esconder algo mais, por que como não um padre?

— Haveria aquele problema de eu ir para o inferno, sem falar nos deveres e obrigações, caso eu quisesse solidificar o disfarce. Também conhecer os ritos, as regras e... Bem, Deus sabe e vê tudo.

— Sim, mas as vantagens são muito boas. Estamos falando de um padre sem família cuja família espiritual, digamos, estava morta ou morrendo. Um padre que tinha um ano ou mais longe do trabalho, com liberdade para circular por aí e sem conexões sólidas. O impostor pode tê-lo matado... ou ele morreu de um jeito muito conveniente. Então, o impostor assumiu sua identidade e todas as suas posses. Fez um belo trabalho de cirurgia reparadora no rosto para ficar parecido com ele, pelo menos o bastante para conseguir se passar pelo outro. Não é muito difícil conseguir uma nova foto para a carteira de identidade.

— Você já procurou as fotos antigas?

— Sim. É o cara morto, pelo menos dez anos atrás. Então, talvez. — Ela olhou para Roarke com ar pensativo. — Você precisaria de algumas habilidades específicas ou de muita grana para contratar alguém com essas habilidades e que conseguisse entrar no sistema e adulterar uma identidade antiga para ela passar por todos os scanners.

— Precisaria, sim, isso mesmo.

— E também seria preciso contar com alguém com grandes habilidades para conseguir entrar e ver se a pessoa que adulterou essas identidades deixou algum vestígio da troca.

— Exato. — Ele bateu no queixo dela com o dedo. — E você não tem muita sorte de conhecer tão bem alguém que tem exatamente essas habilidades?

Ela se inclinou e o beijou.

— Vou programar o jantar primeiro. Que tal comida mexicana?

— *Olé* — disse ele.

Eles comeram no terraço. Degustaram *mole pablano* com cerveja mexicana bem gelada. Aquilo era de certa forma indulgente, refletiu Eve. A refeição tranquila, o ar da noite, o cintilar das velas sobre a mesa. E, mais uma vez, algo tipicamente *conjugal*.

Agradável.

— Não visitamos a nossa casa no México já faz um tempo — comentou Roarke. — Deveríamos separar um tempinho para isso.

Eve inclinou a cabeça.

— Nós já estivemos em todos os lugares onde você tem casa?

Obviamente se divertindo, ele tomou o resto da cerveja de uma vez só.

— Ainda não.

Eve já tinha imaginado.

— Talvez devêssemos fazer o circuito completo antes de repetir demais algum lugar. — Ela atacou os *nachos* novamente, empilhando salsa tão apimentada que parecia a mordida de um Dobermann furioso.

— Por que você não tem uma casa na Irlanda?

— Tenho alguns imóveis lá.

A salsa transformou a boca de Eve em zona de guerra, mas ela pegou mais um pouco.

— Hotéis, empresas, escritórios. Não uma casa — completou Roarke.

Ele ponderou a questão por um instante e se viu levemente surpreso com a própria resposta.

— Quando saí de lá, prometi a mim mesmo que só voltaria quando tivesse tudo. Poder, dinheiro e, embora eu provavelmente não o admitisse nem para mim mesmo, um pouco de respeitabilidade.

— Você alcançou tudo isso.

— E voltei... e volto. Mas uma casa? Bem, isso seria uma declaração, não é? Um compromisso. Mesmo que você tenha um lugar para ficar em outro país, ter uma casa cria uma ligação sólida e tangível. Não estou preparado para isso.

Ela assentiu em compreensão.

— Você quer uma casa lá? — perguntou Roarke.

Ela não precisou pensar muito e não se surpreendeu com a própria resposta. Ainda mais depois de olhar para ele.

— Já tenho o que quero.

CAPÍTULO QUATRO

Após a refeição, Eve despejou os dados de Miguel Flores em Roarke para que eles pudessem trabalhar separados em seus dois escritórios ligados por uma porta. Na pequena cozinha, ela programou café e o levou para a mesa. Tirou a jaqueta e arregaçou as mangas.

Enrolado na poltrona reclinável de Eve, Galahad a fitou com seus olhos irritados e bicolores.

— Não é culpa minha que você fique assustado demais para passear lá fora.

Ela bebeu um gole de café e o encarou. O tempo passou em silêncio. Então ela ergueu um dedo de vitória no ar quando o gato piscou.

— Rá! Eu ganhei.

Galahad simplesmente deu uma volta com seu corpo rechonchudo, levantou uma das patas e começou a se limpar com a língua.

— Tá, chega de momentos aconchegantes em casa por hoje. Computador! — chamou, ordenando que a máquina abrisse o arquivo de Flores e, em seguida, fizesse um segundo nível de buscas na lista de pessoas com acesso confirmado ao tabernáculo.

Chale López, o padre boxeador, nascera em Rio POCO, no México; isso lhe interessou. Ela não percebera vibrações suspeitas de nenhum tipo nele, mas algo sobre a história de vida do sujeito lhe provocou um discreto alerta. Ele tinha acesso mais fácil ao vinho e, na condição de sacerdote, não seria mais provável que reconhecesse um padre falso do que... como era o nome?... um fiel leigo?

Mas, fora isso, não conseguiu mais alertas.

Nem conjecturar um motivo plausível.

Algo de cunho sexual? Três caras compartilhando a mesma casa, o mesmo trabalho, refeições e períodos de lazer. A coisa poderia ficar íntima e aconchegante, e isso não poderia ser descartado.

Padres não deveriam ficar íntimos e aconchegados — nem uns com os outros, nem com qualquer pessoa —, mas o faziam mesmo assim; sempre fizeram ao longo dos séculos.

Flores não era um sacerdote de verdade. Poderia ter aguentado cinco, quase seis anos de voto de castidade? Será que ele, um homem bonito e saudável, não teria interesse em satisfação sexual? Teria se arrumado sozinho durante todo esse tempo para manter o disfarce?

Improvável.

Portanto... López podia tê-lo flagrado fazendo investidas em uma paroquiana, contratando uma

acompanhante ou algo assim. Raiva e senso de justiça se instalariam nele.

Mas aquele enredo não funcionava para ela.

López fizera 48 anos; tinha entrado para o seminário aos 30. Isso não era muito tarde para um padre?

Flores — onde quer que estivesse — tinha ido para o seminário aos 22 anos; o terceiro padre, Freeman, aos 24.

Mas López — o homem triste de olhos sinceros que se chamava Chale López — tinha lutado boxe profissionalmente por um tempo. Categoria peso meio-médio ligeiro, observou Eve, com um belo resultado de 22 vitórias, seis delas por nocaute. Não fora casado (era permitido aos padres se casarem antes do lance da batina?). Também não encontrou registro de coabitações com ninguém.

Mas havia uma pequena lacuna em seus registros de emprego. Um espaço de três anos entre o afastamento das lutas de boxe e a entrada no seminário. Algo que precisava ser preenchido.

Em seguida, ela começou a analisar Rosa O'Donnell e prosseguiu com a pesquisa em relação a cada membro da família Ortiz que tinha participado do funeral. Algumas contravenções surgiram, mas nada de inesperado. Especialmente no caso de famílias muito numerosas.

O que as pessoas faziam com famílias tão enormes? Todos aqueles primos, tias, tios, sobrinhas, sobrinhos. Como era possível manter todos na linha?

Como eles conseguiam respirar um pouco de ar puro em qualquer tipo de evento familiar?

Havia registros de algumas agressões na família Ortiz, percebeu Eve, mas nenhuma que tivesse resultado em cumprimento de pena. Um roubo de carro, resultando em pouco tempo de prisão. Algumas ocorrências de posse de drogas ilegais e outros problemas menores. Alguns registros juvenis que haviam sido lacrados. Ela os abriria *se e quando* fosse necessário.

Alguns haviam sido vítimas ao longo do caminho. Vítimas de roubo, assalto a mão armada, dois estupros e uma infinidade de distúrbios domésticos. Alguns divórcios, uma ou outra morte, inúmeros nascimentos.

Ela se recostou na cadeira por um instante e apoiou os pés na mesa.

Nenhuma ligação deles com Flores, a não ser na função de padre. Porém, refletiu, Flores não era a ligação principal. *Lino* é que era, ou seja lá quem assumira a identidade de Flores.

Seria melhor esperar que os registros das arcadas dentárias confirmassem tudo, pensou, mas ela não tinha dúvida. Segundo os registros, Flores havia solicitado transferência para aquela paróquia específica em novembro de 2053.

Você estava voltando para casa, Lino, ou fugindo? Aquela era uma pergunta que precisava de resposta. Alguém o reconheceu? Alguém que morava ali ou passara de visita? Alguém que se sentira forte o suficiente ou passional o bastante para executá-lo dentro da igreja?

O que você fez? Quem você deixou revoltado, traiu ou magoou?

E foi assim que, depois de esperar pacientemente, alcançou a promessa.

O que você estava esperando? Qual a promessa que o aguardava no fim do caminho?

— É falsa — anunciou Roarke, parado na porta que ligava os escritórios.

— Há?

— A identidade é falsa. Algo, aliás, que você já sabia. Não sei por que me fez perder tanto tempo com isso.

— Confirmar é sempre bom.

Ele lhe lançou um olhar frio e veio se sentar em um canto da mesa.

— Então você já tem essa confirmação. Foi um bom trabalho, muito caro. Não o melhor, nem de longe, mas também não foi uma lambança qualquer. Aconteceu pouco mais de seis anos atrás. Flores informou que perdeu a identidade e requisitou uma nova.

— Quando, exatamente?

— Outubro de 2053.

— Um mês antes de ele pedir transferência para a Igreja de São Cristóvão. — Ela bateu com o punho na coxa de Roarke. — Eu *sabia!*

— Foi como eu disse. Uma nova foto foi trazida pelo requisitante, junto com cópias de todos os dados necessários. É uma forma comum e eficaz de fazer a troca.

— E quanto às impressões digitais?

— Bem, é aí que a coisa começa a ficar mais cara. Você precisará molhar as mãos das pessoas certas ou ter muita habilidade como hacker, além de usar um equipamento não registrado. Se quiser agir da forma certa, deverá mudar as impressões digitais por todo o caminho de volta, substituindo-as pelas suas. Isso significa trocar todas as impressões desde a infância, caso você queira ser bem abrangente, e foi o que ele fez. É nessa primeira mudança que os obstáculos são maiores. Depois disso, o velho dono passa a ser você, não é? Em sua nova pele.

Ela fez uma careta para ele.

— Quantas identidades forjadas você forneceu ou usou ao longo de sua carreira escusa?

Ele sorriu.

— É um bom jeito de ganhar a vida para um jovem que tem certas habilidades e discrição considerável, mas esse certamente não foi o trabalho mais importante da minha vida.

— Humm. Muito bem, eu comparei as impressões. Elas são as mesmas desde o tempo de Flores, então ele foi mais fundo e hackeou ou pagou alguém para hackear tudo e alterá-las no banco de dados. O resto é o de sempre: roubo padronizado de identidade.

— Fazer diferente só para poupar alguns centavos seria tolice.

— Mas fazer uma reparação completa no rosto exige grana, tempo, e pode resultar em problemas. É, plano de longo prazo. — Ela se afastou da mesa para pensar um pouco de pé e vasculhar as possibilidades. — E representa um grande compromisso, o maior deles.

— Ir tão longe e por todo esse tempo significa que você estará desistindo de si mesmo, não é? Desistindo do seu nome, do seu rosto, das suas ligações. Você teria que arrancar a própria pele para vestir a de outra pessoa. Um compromisso, certamente. Talvez essa sua vítima quisesse um novo começo. Uma nova vida.

— Ele queria mais. Acho que ele voltou para cá, Nova York, e para aquele bairro *especificamente*. Ele escolheu esse lugar, então o conhecia bem. Estava se escondendo, precisava mudar de rosto e era paciente. — Pensando no versículo que lera, murmurou: — E foi assim que, depois de esperar pacientemente, alcançou a promessa.

— O que foi que você disse?

— Acho que as pessoas pacientes são atropeladas pela realidade na Terra das Promessas, pelo menos na maior parte das vezes. A Bíblia, no entanto, garante que não. Ele tinha essa passagem sublinhada em

sua Bíblia. E também sublinhou outra... — Ela precisou caminhar de volta até a sua mesa e conferir o que anotara: — “Comigo estão riquezas e honra, prosperidade e justiça duradouras”.

— Uma promessa de dinheiro, respeito, importância social — especulou Roarke. — Sim, tudo se encaixa; para alguns, vale a pena matar e esperar por tudo isso. E é bom desfrutar de um ambiente familiar enquanto você espera, talvez até seja um pouco estimulante ver pessoas que você conhece e saber que elas não o reconhecem.

Ela estreitou os olhos.

— As pessoas confessam coisas para os padres, não é? Coisas íntimas, detalhes pessoais. Isso também seria estimulante, não é?

— Certa vez, eu conheci um sujeito que se fazia passar por padre, de vez em quando.

— Para quê?

— Aplicar golpes. Como você lembrou, as pessoas confessam os seus pecados, o que é útil para a chantagem... e as sacolinhas de coleta são passadas regularmente. Mas eu não apreciava essa artimanha.

— Por quê?

— Ora, é muito baixo, não é?

Ela simplesmente meneou a cabeça. Conhecia as coisas que Roarke fizera no passado e sabia que ele era o tipo de homem que iria considerar perverso e baixo enganar os pecadores.

— Talvez isso seja parte do esquema. Talvez ele tenha chantageado um desses pecadores, e ele ou ela o enviou para o inferno. Esse enredo tem um ritmo agradável. Falso padre usa a batina para enganar um otário... e esse otário usa o ritual sacerdotal para eliminar o falso padre.

Ela se afastou da mesa e perambulou pela sala.

— Mas eu não vou entender tudo nem pegar o *ritmo* das coisas até captar o que ele era. Quem ele era? Preciso da tatuagem. Preciso que o laboratório me consiga a reconstituição dela. Isso vai ajudar. Saber que ele a removeu e fez uma plástica há seis anos e depois descobrir até quando e onde o Flores verdadeiro estava vivo e bem vai me proporcionar uma área na qual focar.

Ela olhou de volta para Roarke, que simplesmente permaneceu sentado, observando-a.

— Sempre existem ecos, certo? Sempre existem sombras... É isso que vocês, nerds da eletrônica, costumam dizer sobre o trabalho dos hackers; há vestígios das camadas adulteradas e da limpeza de dados. E sempre existe um jeito de chegar a esses vestígios.

— Quase sempre — afirmou Roarke.

Eles não encontrariam os seus, refletiu Eve. Mas quantos hackers tinham os recursos ou a habilidade de Roarke?

— Se ele fosse tão bom quanto você ou pudesse pagar alguém tão bom quanto você, certamente não estaria bancando o padre em pleno Spanish Harlem. Provavelmente iria preferir se esconder e esperar o que quer que fosse em alguma bela praia.

— Não tenho como refutar essa lógica.

— É tudo especulação. Tudo projeção. Não gosto de trabalhar dessa maneira. Vou ligar para Feeney e pedir para a DDE cavar isso tudo mais a fundo amanhã.

— E você? O que fará amanhã?

— Vou voltar à igreja.

Ele se levantou e foi até ela.

— Bem, então é melhor pecarmos antes.

— *Até eu* sei que isso não é pecado se a pessoa é casada.

Ele se inclinou de leve e beliscou seu lábio inferior com o dente.

— O que eu tenho em mente pode ser pecado, sim.

— Ainda estou trabalhando.

Ele abriu o botão superior da blusa dela enquanto a empurrava de costas na direção do elevador.

— Eu também. — Deu mais um empurrão de leve até ela entrar na cabine. — Eu adoro o meu trabalho — disse ele, baixando a boca até encontrar a dela.

E ele era bom nisso, pensou Eve, enquanto as mãos dele se mantinham ocupadas nela e sua pulsação começava a disparar. Ela deixou que o beijo a subjugasse e já estava submersa nele quando as portas do elevador tornaram a se abrir e a sua blusa caiu no chão.

O ar frio varreu sua pele nua; seus olhos piscaram e se arregalaram.

Ele a levou de costas em direção ao terraço, onde a abóbada de vidro aberta deixava entrar o ar da noite.

— O quê... — A boca dele foi de encontro à dela mais uma vez, e ela quase sentiu o cérebro se dissolver.

— Caminhamos fora de casa, jantamos ao ar livre. — Ele apertou suas costas contra a pequena parede de pedra. — Vamos considerar isso uma espécie de melhor de três.

Ela deslizou suas próprias mãos para baixo e encontrou seu membro duro.

— Ora, vejo que você trouxe seu taco de hóquei.

Com uma risada, Roarke abriu seu sutiã — a peça simples e branca de algodão que ela preferia e que nunca deixava de seduzi-lo — e brincou com o diamante imenso que ela usava, preso a uma corrente.

— Agora eu sinto que deveria ter algo inteligente a dizer sobre seu disco de hóquei, mas tudo o que me ocorre soa grosseiro.

Ele passou as mãos pelos seios dela. Pequenos e firmes, com o diamante que ele lhe dera reluzindo entre eles. Sentiu o acelerar do seu coração sob a pele lisa, e o calor dela se espalhou debaixo de suas mãos. Por mais claros que fossem os seus olhos e por mais humor que reconhecesse neles, sabia que já estava tão excitada quanto ele.

Roarke a virou e a apoiou na beirada de uma ampla e acolhedora espreguiçadeira.

— Botas — anunciou ele, levantando um dos pés de Eve. Ela se apoiou nos cotovelos e o observou descalçar uma de suas botas e depois a outra.

Nua até a cintura, sua pele brilhou um pouco sob a luz pálida da lua urbana, e o sorriso fraco em seu rosto foi irresistível. Ele se sentou ao lado dela para tirar os próprios sapatos, virando-se por alguns instantes apenas para encontrar sua boca novamente, quando ela começou a trabalhar nos botões da camisa. Eve se inclinou, sentou-se sobre ele com uma perna para cada lado e pressionou o próprio corpo contra o dele.

Sentiu-se mergulhar na sensação, em vez de afundar. Naquele calor, naquela necessidade, na maravilha que eles traziam um ao outro. Agora, como sempre, aquilo tudo era um choque para o seu sistema; algo *correto*, poderoso e de tirar o fôlego que ela nunca esperara conhecer na vida. Ali. Ele. Ela. Aquela boca linda que seduzia e exigia ao mesmo tempo; aquelas mãos tão habilidosas que possuíam. A pura sensação dele contra ela — pele com pele —, agora tão familiar, ainda conseguia deslumbrar os

seus sentidos.

Ele a amava, a queria, precisava dela e, de um jeito tão impossível quanto, ela o amava, o desejava e precisava dele. Era algo milagroso.

Ele sussurrou para ela, primeiro o seu nome. Apenas Eve. Somente Eve. Em seguida, continuou em irlandês. *A grha*. Meu amor. Seu amor. E o resto da frase se perdeu quando suas mãos a guiaram, como em uma dança, e ela arqueou as costas para ele.

Aqueles lábios deslizaram acima de seu torso, formando uma trilha morna, delicada, e então sua boca tomou o seu peito com uma fome rápida e arrebatadora. Seu suspiro se transformou numa exclamação de surpresa, que então se transformou num gemido.

Tudo e todas as coisas. Assim era Eve para ele. Nada do que ele tivesse sonhado, mesmo em segredo, nas ruas imundas de Dublin, se aproximava da realidade dela. Nada que tinha na vida poderia ser tão precioso. O gosto dela na noite fria, à luz pálida, agitou um desejo que ele compreendeu que jamais seria saciado por completo.

Roarke se levantou, erguendo-a consigo, sentindo um delicioso sufocar de lágrimas e desejos quando sua boca se tornou selvagem contra a dele. Mais uma vez ele a pressionou de volta contra a pedra, agora forçando-a a permanecer em pé enquanto arriava a sua calça. E ela arriava a dele.

— Minha — exclamou ele, apertando-a com força pelos quadris e se lançando dentro dela.

Sim, Deus, sim. O primeiro orgasmo irrompeu através dela, num golpe que a deixou tonta, bêbada e depois desesperada por mais. Eve enganchou uma perna em volta de Roarke, abrindo-se mais para que ele a preenchesse por completo, e seus quadris se lançaram com força contra os dele, respondendo a cada uma das suas frenéticas estocadas.

A pedra fria em suas costas, o calor dele contra ela e dentro dela tornaram a dominá-la quando ele tomou e pegou tudo o que quis.

Quando a necessidade se agigantou novamente, quando ela se sentiu prestes a desabar dentro daqueles selvagens olhos azuis, apertou-se em torno dele.

— Goze comigo... goze comigo... goze comigo.

O prazer cintilou e brilhou tanto quanto o diamante que pareceu ferver, e eles se lançaram no vazio do orgasmo ao mesmo tempo.

Ela não sabia se havia pecado, mas acordou na manhã seguinte muito relaxada.

Pode ter sido a sua mente calma e organizada que criou um pensamento novo, que lhe surgiu como um estouro de champanhe em meio à ducha matinal. Ela ruminou a ideia quando entrou no tubo de secagem e girou nua, livre e solta, enquanto o ar quente soprava ao seu redor. Distraída, esqueceu o robe atrás da porta e voltou para o quarto ainda nua.

— Querida! — Roarke sorriu para ela enquanto tomava café sentado à mesa, com o gato esparramado ao seu lado. — Você está vestindo minha roupa favorita.

— Haha! Uma pergunta... — Ela foi até a cômoda a fim de caçar roupas íntimas. Sua mão parou de repente e ela ergueu um sutiã vermelho com taças cintilante e curtas. — De onde veio isso?

— Humm. Será que foi presente da deusa da lingerie? — sugeriu ele.

— Eu não posso usar um sutiã tão provocante para trabalhar. Caramba, e se eu tiver que trocar de roupa no vestiário, durante o turno?

— Você tem razão. Esse sutiã faz a mulher parecer indigna quando está de pé, seminua, durante o horário de trabalho.

— Exatamente. — Como Eve não usava sutiã na metade dos dias, vestiu uma das suas camisetas estilo regata com reforço e suporte sobre os seios.

Roarke a observou escolher a peça branca, simples, prática e sem adornos.

— Tenho uma pergunta — anunciou ela.

— O quê? Ah, sim. Uma pergunta.

Ela vestiu calcinhas brancas igualmente sem adornos e igualmente práticas.

E ele se perguntou por que vê-la vestir peças simples e básicas agitava tanto a sua libido quanto se fossem peças de renda vermelha ou seda preta.

— Se você tivesse que ficar fora durante algum tempo, potencialmente vários anos, contaria tudo a um amigo de confiança?

— Até que ponto eu confio neste amigo?

— Um fator importante, esse. Mas vamos dizer que confia o suficiente.

— Para mim, tudo dependeria dos riscos e das consequências, caso alguém me expusesse antes de eu estar pronto para isso.

Ela refletiu sobre a resposta enquanto caminhava para o closet.

— Cinco anos é um longo tempo... um tempo absurdamente longo para uma pessoa viver como alguém que ela não é; as frases destacadas na Bíblia me fazem pensar que tudo isso era algo que ele pretendia revelar quando chegasse o momento certo. Ao longo desses cinco anos seria preciso ter muita força de vontade para não entrar em contato com um amigo, um parente, ter alguém com quem desabafar ou compartilhar o esquema. Se Nova York era a casa original do falso padre Flores, há grande probabilidade de ele ter um amigo ou parente nas proximidades, bem à mão.

Com ar distraído, Roarke acariciou Galahad entre as orelhas e fez com que o gato começasse a ronronar como um motor a jato.

— Por outro lado — argumentou —, ele pode ter escolhido Nova York porque estava a uma longa distância de quem o conhecia e mais perto de seja lá o que estivesse esperando.

— Sim, sim. — Ela franziu a testa, pensativa, enquanto vestia a calça. — Pode ser. — Mas logo negou com a cabeça. — Não. Ele poderia ter pedido uma transferência para um lugar mais a leste da cidade, aqui mesmo em Nova York ou, digamos, em Nova Jersey. Mas ele especificou *aquela* igreja. Se tudo que você quer fazer é manter distância, não restringiria as próprias opções. Por outro lado, esse poderia ser um lugar ligado especificamente ao que ele estava esperando.

Ela pensou no centro de jovens.

— Talvez, talvez. Vou verificar.

Enquanto ela acabava de se vestir, Roarke caminhou até o AutoChef. Galahad se desenroscou e assumiu a esperançosa expectativa de degustar outra refeição. Eve afivelou o coldre da arma e olhou os pratos que Roarke trouxera para a saleta de estar.

— Panquecas?

— Quero tomar o café da manhã com minha esposa, e panquecas são uma fraqueza específica dela. — Roarke colocou os pratos sobre a mesinha e apontou um dedo para Galahad quando ele se preparou para saltar. O gato desistiu do plano, largou-se novamente onde estava, ignorou Roarke e se virou para

o outro lado.

— Acho que ele acabou de xingar você — comentou Eve.

— Pode ser que sim, mas ele *não vai* roubar minhas panquecas.

Para poupar tempo, Eve ordenou a Peabody que a encontrasse direto no centro de jovens. O edifício de concreto com cinco andares ostentava um playground cercado e asfaltado à frente; o extremo mais distante tinha no piso as marcações de um campo de basquete. Vários jovens aproveitavam o momento para um joguinho típico, com direito a rock barulhento, palavrões e zoações diversas. Quando Eve atravessou o asfalto, vários olhos se voltaram em sua direção, e Eve percebeu alguns sinais de nervosismo em meio às zombarias. Uma reação típica de jovens ao se verem perto de uma policial.

Ela se dirigiu ao mais alto do bando, um garoto magro e mestiço com cerca de 13 anos que vestia calça larga preta, tênis de cano alto muito gastos e um boné vermelho.

— Feriado escolar?

Ele pegou a bola e bateu com ela no chão várias vezes.

— Tenho vinte minutos antes do sinal de entrada. Qual é? Você é uma inspetora de aula?

— Eu pareço uma?

— Não. — Ele se virou e executou um belo arremesso em gancho que beijou a borda do aro. —

Parece uma policial. Uma policial fodona. — Essa frase quase cantarolada lhe garantiu assobios e gargalhadas dos colegas.

— Acertou. Você conheceu o padre Flores?

— Todo mundo conhece o padre Miguel. Ele é um cara legal. Quer dizer, era...

— Foi ele quem ensinou esse arremesso em gancho?

— Ele me ensinou alguns lances, sim. E eu ensinei alguns para ele. E daí?

— Você tem nome?

— Todo mundo tem — Ele a dispensou, pegando a bola e contornando-a. Eve girou o corpo e interceptou a passagem. Depois de bater com a bola na quadra duas vezes, ela tornou a girar, e seu arremesso de gancho resultou numa cesta belíssima que nem ao menos tocou o aro.

As sobranceiras do rapaz se ergueram debaixo do boné e ele lançou um olhar frio de inveja.

— Meu nome é Kiz.

— Certo, Kiz. Alguém por aqui tinha algum problema com Flores?

Kiz encolheu os ombros.

— Devia ter, já que ele está morto.

— Nessa, você me pegou. Você conhece alguém que tinha algum problema com ele?

Um dos outros passou a bola para Kiz. Ele recuou alguns metros, bateu com a bola três vezes e conseguiu uma bela cesta de três pontos. Curvou o dedo pedindo a bola de volta e, quando a recebeu, passou-a para Eve.

— Você consegue?

Por que não? Ela calculou a distância e arremessou. Marcou mais três pontos. Kiz assentiu em sinal de aprovação e a avaliou dos pés à cabeça.

— Tem mais jogadas, Policial Fodona?

Ela sorriu com frieza.

— Você tem alguma resposta para a minha pergunta?

— As pessoas gostavam do padre Miguel. Como eu disse, ele era um cara legal. Não vinha com sermão a cada cinco minutos, entende? Sacava muito bem como o mundo funciona.

— E como o mundo funciona?

Kiz recuperou a bola novamente e a girou com elegância no topo do dedo indicador.

— Tem muita merda.

— Sim, muita merda. Com quem ele andava?

— Consegue pegar essa? — perguntou Kiz, atirando a bola para ela num arremesso rápido.

— Consigo, mas não com essas botas. Essas são as botas que eu uso quando caço assassinos. — Mesmo assim, ela recebeu a bola e tornou a arremessar na direção dele. — Com quem ele andava?

— Outros padres, eu acho. Com a galera aqui do pedaço, Marc e Magda. — Ele virou a cabeça em direção ao prédio. — Eles gerenciam o lugar. E espantam os caras mais velhos que circulam por aqui tentando usar a nossa quadra.

— O padre Flores discutiu com alguém recentemente?

— Não sei de nada, não vi nada. O sinal já vai tocar.

— Tudo bem.

Kiz atirou a bola para Eve uma última vez.

— Traga tênis de basquete e eu ensino alguns lances para você, Policial Fodona.

— Qualquer dia, pode ser...

Quando Eve se afastou com a bola aninhada na curva do cotovelo, Peabody sacudiu a cabeça.

— Eu não imaginei que você soubesse fazer isso. Jogar basquete, fazer cestas, essas coisas.

— Tenho uma vasta gama de habilidades secretas, detetive. Vamos procurar Marc e Magda.

O lugar cheirava a escola, ou a qualquer outro lugar em que crianças se reúnem regularmente. Suor jovem misturado com doces e um cheiro de floresta úmida para o olfato de Eve, que ela só podia definir como odor de “crianças” — e isso era um pouco assustador.

Muitos bebês e crianças pequenas estavam sendo transportados e entregues por homens e mulheres que pareciam assustados, aliviados ou infelizes. Desenhos criados por pessoas com diferentes graus de habilidade, junto com dezenas de folhetos e cartazes, cobriam as paredes em tom de bege seco, como se fosse uma colagem louca. No meio dessa colagem, uma loura bonita estava atrás de um balcão de recepção, saudando as crianças e o que Eve supunha serem seus pais quando as entregas eram feitas.

O som de berros, gritos, choro, vozes altas e ecos agudos cortava o ar como disparos de armas a laser.

A loura tinha olhos castanhos expressivos e um sorriso que parecia sincero e divertido, apesar do caos que a rodeava. Seus olhos eram límpidos, e sua voz soava alegre. Mas Eve não descartaria o uso de auxiliares químicos para ajudá-la a enfrentar tudo aquilo.

A loura falou em espanhol para alguns, em inglês para outros, e depois concentrou toda a sua recepção calorosa em Eve e Peabody.

— Bom dia! Em que posso ajudá-las?

— Sou a tenente Dallas, esta é a detetive Peabody. — Eve exibiu o distintivo. — Estamos procurando Marc e Magda.

O calor se transformou instantaneamente em tristeza.

— Trata-se do padre Miguel, não é? Eu sou Magda. Vocês poderiam me dar só alguns minutos? Administramos uma creche e uma pré-escola aqui. Vocês chegaram numa hora de muito movimento. Podem esperar no escritório, se desejarem. Fica naquele corredor, primeira porta à esquerda. Vou arranjar alguém para me cobrir assim que puder.

Eve preferiu evitar que a onda seguinte de bebês e crianças pequenas a levasse, arrastasse, perseguisse e conduzisse; resolveu refugiar-se num escritório com duas mesas unidas pelas costas, de modo que seus ocupantes ficassem de frente um para o outro. Observou quadros de avisos em que havia mais panfletos, avisos e memorandos. Um mini-AutoChef e uma pequena unidade de refrigeração ocupavam uma prateleira, enquanto muitos equipamentos atléticos, pilhas de discos, livros físicos e materiais de escrita enchiam as outras.

Eve cruzou a sala e foi até a janela, que oferecia vista do playground, onde agora algumas das crianças estavam sendo liberadas para correr e gritar como hienas.

— Por que eles fazem todo esse barulho? — perguntou-se em voz alta. — Esse som de perfurar os tímpanos?

— É uma liberação de energia, eu acho. — Já que os papéis estavam ali e elas também, Peabody folheou alguns dos trabalhos sobre as mesas. — É esse mesmo motivo que leva a maioria das crianças a correr em vez de caminhar, a escalar em vez de se sentar. Está tudo comprimido dentro delas, e essa energia tem que sair de algum jeito.

Eve se virou e apontou o dedo para Peabody.

— Entendi. Eu realmente consigo entender esse processo. Elas não podem fazer sexo nem consumir álcool; então gritam, correm e socam uns aos outros como uma espécie de tranquilizante... Um substituto para o orgasmo.

— Humm... — Isso foi tudo em que Peabody conseguiu pensar, olhando para a porta com alívio ao ver Magda entrar, apressada.

— Por favor, desculpem fazê-las esperar. Muitos pais chegam aqui no último minuto e o caos se instala. Sentem-se, por favor. Ahn, posso lhes oferecer café, chá, algo gelado?

— Só o seu nome completo, obrigada.

— Ah, claro. Magda Laws. Sou codiretora do centro. — Ela apalpou uma pequena cruz de prata pendurada junto à garganta. — É sobre o padre Miguel?

— Isso mesmo. Há quanto tempo você o conhecia?

— Desde que ele veio para a paróquia. Uns cinco anos? Talvez um pouco mais.

— E o seu relacionamento com ele?

— Éramos amigos. Isto é... tínhamos um relacionamento amigável. Ele estava sempre muito envolvido com o centro e era muito enérgico quanto à sua participação em tudo. Sinceramente, não sei o que faremos sem ele. Isso soa um tanto egoísta. — Ela tirou uma cadeira de trás de uma das mesas e a rolou até junto das cadeiras dos visitantes. — Eu não consigo entender. Acho que continuo esperando que ele coloque sua cabeça na fresta da porta e diga olá.

— Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Quase oito anos. Marc... Desculpem, ele não virá aqui agora de manhã. Está fazendo um curso, especialização em psicologia, e só chega no turno da tarde. Pelo menos durante mais algumas semanas. O nome completo é Marc Tuluz.

— Ele e Flores também tinham uma relação amigável?

— Sim, muito. Nos últimos anos, eu diria que nós três nos considerávamos uma equipe. Temos muitas pessoas boas aqui... conselheiros, instrutores, cuidadores. Mas nós três... bem, não sei descrever. — Ela ergueu as mãos como se não soubesse o que fazer com elas. — Éramos o núcleo de tudo. Miguel era muito proativo. Não só com as crianças, mas também arrecadando fundos, sensibilizando a comunidade, atraindo patrocinadores e instrutores de fora.

Seus olhos ficaram marejados enquanto falava, a voz se tornando mais intensa.

— É difícil. Muito difícil. Fizemos uma breve homenagem esta manhã em sua memória com as crianças em idade escolar e teremos outra no fim do dia. Isso ajuda, eu acho, mas... Vamos sentir muito a falta dele, de mil maneiras. Marc e eu, na noite passada, estivemos conversando sobre rebatizar o ginásio de esportes em homenagem a ele.

— Noite passada?

— Marc e eu moramos juntos. Vamos nos casar em setembro. Miguel ia celebrar a cerimônia. — Ela olhou para longe, lutando contra as lágrimas. — Posso perguntar uma coisa? Vocês já fazem alguma ideia do que aconteceu, ou como, ou por quê?

— Estamos seguindo algumas pistas. Já que você era amiga e trabalhava perto dele, Flores nunca falou sobre o que fazia antes de vir para cá?

— Antes de vir...? — Ela prendeu o cabelo claro atrás da orelha, como se tentasse organizar os pensamentos. — Ahn, ele trabalhou no México e no oeste dos Estados Unidos. Ele nasceu lá no oeste. Era isso que a senhora queria saber?

— Ele falou sobre o seu trabalho lá no oeste, especificamente?

— Ah, Deus... Deve ter comentado sobre uma ou outra coisa, de vez em quando, mas estávamos sempre muito envolvidos com o agora e o amanhã. Mas eu sei que ele trabalhava com crianças lá, também. Com esportes, integrando as crianças em grupos, formando equipes. Ele gostava de ensinar aos jovens o valor de fazer parte de uma equipe. Ele... ahn... ficou órfão quando era muito pequeno e não gostava de falar a respeito. Mas dizia que suas experiências pessoais haviam sido algumas das principais razões pelas quais quis dedicar tanto tempo às crianças. Ele era ótimo com elas.

— Alguma criança ou grupo em particular? — quis saber Peabody.

— Ah, vários grupos, ao longo dos anos. Depende de quanto uma criança precisava de nós... precisava dele, entende?

— Você é desta região? — Eve perguntou.

— Vim cursar a faculdade aqui e acabei ficando. Sabia que era exatamente onde eu queria estar.

— E quanto a Marc?

— Ele se mudou para cá com a família quando era adolescente. Na verdade, a irmã dele é casada com um dos primos Ortiz. Ela estava no funeral ontem quando... Foi quem veio nos contar da tragédia.

— Conhece alguém que teve problemas com Flores? Alguém que não gostava dele? Ou que tenha discutido com ele?

— Há muitas variáveis em relação a isso. Certamente houve momentos em que Miguel teve que se sentar com uma criança e repreendê-la. Ou precisou fazer isso com um pai ou uma mãe, por extensão. Brigas sempre rolam em disputas esportivas. Mas, se a senhora está falando de algo grave, uma coisa que

poderia ter levado a isso, garanto que não. A não ser...

— A não ser...

— Tem o caso de Barbara Solas, que tem 15 anos. Ela nos procurou um dia, há alguns meses, com o rosto machucado. Para encurtar a história, o pai dela espancava a mãe com frequência e, segundo soubemos em seguida, tinha abusado sexualmente de Barbara.

Em seu colo, as mãos de Magda se tornaram punhos.

— Ela resistiu e ele a espancou. Ela havia reagido no dia em que veio nos contar. Perdeu a cabeça e reagiu com violência. Ele a espancou e expulsou de casa, e Barbara veio enfim nos pedir ajuda. Decidiu vir até nós e nos contou sobre o que andava acontecendo em casa. Nós a ajudamos. Nós denunciemos o pai às autoridades, à polícia, ao serviço social.

— E esse Solas culpou Flores por isso?

— Tenho certeza que sim, culpou todos nós. Barbara nos contou, e foi confirmado, mais tarde, que o pai dela tinha começado a abusar da irmã mais nova, de 12 anos. Foi isso que fez com que Barbara se rebelasse. Convenci a mãe a ir para um abrigo, levando Barbara e as outras filhas. Mas antes de ir vê-la, e antes que a polícia chegasse e prendesse Solas, Marc e Miguel foram se encontrar com ele sozinhos.

— E brigaram?

— Sim. Não é a nossa política agir desse modo, não é a maneira como devemos lidar com algo assim, mas Miguel... Nós não conseguimos detê-lo, então Marc foi até lá com ele. Eu sei que as coisas esquentaram muito por lá, mas Marc e Miguel não me deram detalhes. Só sei que a visita resultou em briga porque os nós dos dedos de Miguel estavam muito arranhados e ensanguentados.

— Isso aconteceu há quanto tempo?

— Em fevereiro.

— Eles frequentavam a igreja?

— Só a sra. Solas e alguns dos filhos. Não ele, não o sr. Solas.

— E agora? Eles continuam por aqui, nesta região?

— Continuam, sim. Ficaram no abrigo durante um mês, mais ou menos, e então nós, Marc, Miguel e eu, conseguimos ajudá-los a se instalarem em outro lugar e em outro emprego. Tenente, ela não teria atacado Miguel. Ficou muito grata a ele.

— Mesmo assim, eu preciso do endereço.

Enquanto Peabody anotava, Eve tentou outra abordagem.

— Você disse que sabia que era onde queria estar. Você diria que Flores parecia se sentir assim em casa aqui em Nova York, com a mesma rapidez de adaptação?

— Devo dizer que sim. É claro que eu não o conhecia antes, mas ele me pareceu ter encontrado o próprio lugar. — Ela sorriu, obviamente confortada pela ideia. — Sim, era muito pleno aqui. Amava o bairro. Caminhava com frequência pela vizinhança e gostava de correr. Ele e o padre Martin, o padre Freeman, corriam quase todas as manhãs. Miguel costumava parar em lojas e restaurantes só para jogar conversa fora.

— Ele tentou passar uma cantada em você alguma vez?

— O quê?

Mais uma vez, Magda apertou sua cruz contra o peito.

— Você é uma mulher muito atraente e vocês trabalhavam juntos, muito próximos.

— Ele era padre.

— Era um homem, antes de qualquer coisa.

— Não, ele nunca tentou me cantar.

Eve inclinou a cabeça.

— Só que?...

— Eu não disse “só que”.

— Mas pensou. Magda, ele está morto. Qualquer coisa que você me diga poderá nos ajudar a encontrar quem fez isso e por quê. Não estou perguntando só para fazer fofoca.

Magda soltou um suspiro.

— Talvez eu já tenha sentido que havia alguma coisa no ar... Que ele poderia já ter pensado na possibilidade ou se questionado a esse respeito. Parece errado dizer isso.

— Você sentiu uma espécie de clima — incentivou Eve.

— Sim, isso mesmo, senti um possível clima. Ele pode ter olhado para mim vez por outra mais como um homem faria, um homem mais interessado do que um sacerdote deveria estar. Mas não passou disso. Ele nunca sugeriu coisa alguma nem me tocou de forma inadequada. Jamais.

— Poderia haver outra pessoa?

— Eu nunca tive essa impressão.

— Certo. Tirando você e Marc, com quem mais ele passava parte do tempo?

— Com os padres López e Freeman, é claro. Com o padre Freeman em especial. Os dois curtiam esportes, tanto para jogar como para assistir, e o padre Freeman muitas vezes também nos ajuda aqui no centro de jovens. E ele, Miguel, sempre reservava tempo extra para as crianças, para os paroquianos e até mesmo para as pessoas do bairro. Ele era muito expansivo e sociável.

CAPÍTULO CINCO

Eve e Peabody voltaram para a igreja.

— Você acha que a mulher de Solas pode ter mudado de ideia quanto à gratidão que sentia? — quis saber Peabody.

— Não seria a primeira vez. Usar veneno é atraente para as mulheres. Ela frequentava a igreja; certamente conhecia as instalações e rotinas ou poderia ter descoberto. Não estava na lista das pessoas que compareceram à missa de corpo presente, mas não teria sido difícil entrar e sair do local. Essa não é a minha hipótese favorita, mas vamos investigá-la.

— O próprio Solas poderia ter arquitetado tudo. Talvez devêssemos verificar as ligações que ele fez para fora da prisão.

— Vamos fazer isso.

— Mas você também não gosta dessa hipótese.

— Não está no topo da minha parada de sucessos. Quando um sujeito é denunciado e acaba na cadeia, ele quer vingança física e violenta. Um pagamento em grande estilo.

Eve cruzou o vestíbulo e entrou na igreja. Observou um homem alto de pele escura que se ajoelhou na nave central e depois se virou.

— Bom dia — cumprimentou ele com uma voz forte e rica de barítono que ecoou de forma teatral dentro do templo.

Vestia um suéter preto sobre uma camiseta de manga curta. Eve perguntou a si mesma se teria percebido de cara que ele era padre, se já não tivesse visto sua foto na carteira de identidade. Da mesma forma que as crianças que jogavam basquete tinham descoberto de imediato que ela era uma policial.

Não teve certeza da resposta.

— Padre Freeman, sou a tenente Dallas. Esta é a minha parceira, a detetive Peabody.

Ele era atraente na foto e ainda mais pessoalmente. Alto, musculoso, com um tipo de beleza impressionante, grandes olhos castanhos muito brilhantes e um jeito atlético de se movimentar. Ele as encontrou no centro do corredor e estendeu uma grande mão.

— É uma péssima maneira de conhecer alguém, tenente... detetive. Chale, isto é, o padre López, avisou que vocês provavelmente viriam falar comigo. Gostariam de ir à casa paroquial?

— Aqui mesmo está ótimo, a menos que o senhor precise resolver algum assunto lá.

Ele sorriu, e sua expressão mudou de bonita para atraente.

— As coisas por aqui geralmente são tranquilas a esta hora da manhã. Pensei em fazer uma pequena corrida depois da missa matinal, mas... não me senti disposto a enfrentar isso. Acabei vindo para cá. Quis algum tempo sozinho para pensar em Miguel e fazer algumas orações.

— O senhor costumava correr com ele todas as manhãs.

— Costumava, sim. Na maioria das vezes, corríamos juntos pelo bairro. Acho que foi por isso que eu vim para cá, em vez de fazer nosso circuito habitual. O fato é que...

— Eu sei. Vocês eram muito próximos.

— Éramos, sim. Nos dávamos bem, adorávamos nos lançar em longas discussões a respeito de tudo que existe. As leis da Igreja, a política, por que razão os Yankees venderam Alf Nader.

— Boa pergunta — concordou Eve, apontando o dedo para Freeman. — O que será que eles andaram fumando?

— Uma erva do mal, se quer a minha opinião. Mas Miguel achava que tinha sido uma jogada inteligente. Discutimos sobre isso por várias horas na véspera da minha viagem para Chicago.

De repente um ar de surpresa invadiu seu rosto, mostrando que só naquele momento ele percebia que essa fora a última vez em que ele vira ou conversara com Flores.

— Nós assistimos ao jogo dos Yankees no telão da sala de estar, nós três. Chale subiu depois da sétima entrada. Mas Miguel e eu continuamos ali sentados e assistimos até o fim, discutimos sobre a venda do atleta, as substituições e tudo o mais. Matamos seis cervejas.

— Vocês podem fazer isso? Beber cerveja?

Um leve sorriso iluminou a boca de Freeman.

— Podemos, sim. Essa é uma boa lembrança. Um bom momento para ficar na recordação. A forma como assistimos ao jogo e depois trocamos ideias sobre a venda de Alf Nader.

Freeman se virou e olhou para o altar.

— Isso é melhor do que tentar imaginar como foi ou como deve ter sido quando ele morreu ali em cima. O mundo está cheio de coisas terríveis, mas isso foi demais. Matar um homem, usando a fé e a vocação dele como arma do crime. — Freeman balançou a cabeça para os lados.

— É difícil perder um amigo — consolou Eve, depois de um momento.

— Sim. É muito difícil também não questionar a vontade de Deus.

Eve pensou que Deus sempre levava boa parte da culpa quando, em sua opinião, as coisas se resumiam a um ser humano que escolhia destruir o outro.

— Você disse “circuito”. Normalmente havia uma rota para a corrida?

— Para as matinais, sim. Por quê?

— Nunca se sabe. Por onde vocês geralmente corriam?

— Seguíamos na direção leste até a Primeira Avenida; em seguida, pegávamos a direção norte até a rua 122 Leste. A partir daí voltávamos para oeste até a Terceira Avenida e seguíamos de volta para o sul até completar o circuito. Muitas vezes ele, ou às vezes nós dois, dava uma passada no centro de jovens antes de voltar para casa. Disputávamos algumas cestas com as crianças.

— Quando foi a última vez que vocês correram juntos?

— Há uma semana. Um dia antes de eu partir para Chicago. Eu tinha que pegar o ônibus muito cedo e não corri na manhã da viagem.

— Ele encontrou alguém ao longo do caminho, trocou palavras com alguma pessoa ou mencionou alguém com quem tivesse problemas?

— Nada desse tipo. Bem, é claro que podemos ter visto pessoas que conhecemos saindo para o trabalho ou voltando para casa depois do turno da noite. Alguém pode ter nos dado um “olá” ou feito algum comentário. Pessoas que moram ou trabalham ao longo do nosso circuito. O sr. Ortiz, por exemplo. Passávamos em frente à casa dele todos os dias e, quando o tempo estava bom, o sr. Ortiz caminhava pela manhã; pode ser que ele tenha estado na rua nesse dia.

— Sr. Ortiz. Aquele que morreu?

— Sim. Sua falta será muito sentida. Vou sentir saudade de vê-lo em minha corrida matinal, do mesmo modo que sentirei falta de Miguel correndo comigo.

— Flores falou com o senhor sobre alguém ou alguma coisa que o estivesse incomodando?

— Todos nós lutamos com a fé das pessoas e o nosso propósito de vida. Vez ou outra, quando sentíamos necessidade, discutíamos em termos gerais os problemas das pessoas que os procuravam. Para tentar descobrir como poderíamos ajudar melhor.

Quando o *tele-link* de Eve tocou, ela acenou com a cabeça para que Peabody assumisse a conversa e se afastou um pouco.

— Padre... e quanto ao sr. Solas? Soubemos que houve uma discussão entre ele e o padre Flores.

Freeman soltou um suspiro.

— Houve, sim. Miguel ficou irritado, furiosíssimo, quando soubemos que Barbara tinha sofrido abuso sexual. Foi-nos ensinado que devemos odiar o pecado, não o pecador, mas há momentos em que isso é muito difícil. Ele teve uma briga com o sr. Solas e eles chegaram às vias de fato. A verdade é que Miguel nocauteou Solas e poderia ter feito mais, caso Marc Tuluz não o tivesse impedido. Mas Solas está na prisão, agora.

— E a sra. Solas?

— Faz sessões de terapia e aconselhamento, assim como as filhas. Ela está fazendo progresso.

Eve voltou.

— Talvez seja melhor continuar essa conversa na casa paroquial, afinal de contas. O padre López está lá?

Obviamente intrigado, Freeman verificou que horas eram em seu relógio de pulso.

— Sim, deve estar. Ele tem que atender alguns chamados na vizinhança daqui a pouco.

— Então vamos encontrar vocês dois lá.

Peabody esperou até terem saído da igreja antes de perguntar.

— E aí, alguma novidade?

— Os registros das arcadas dentárias acabaram de chegar. Já podemos parar de andar como se pisássemos em ovos.

Rosa as acompanhou até o escritório de López, onde ele estava sentado à sua mesa de trabalho; Freeman se colocara de pé junto à pequena janela.

— A senhora descobriu alguma coisa — afirmou López de imediato.

— Confirmei uma suspeita. O homem que morreu ontem não foi o padre Miguel Flores.

— Não entendo o que a senhora quer dizer. — Colocando as mãos sobre a mesa, López se levantou

da cadeira. — Eu estava lá. Eu o vi!

— O homem que o senhor conhecia como Miguel Flores assumiu essa identidade de forma falsa. Acreditamos que ele adotou o novo nome em algum momento entre junho e outubro de 2053 e se submeteu a algumas cirurgias faciais para adequar a aparência ao antigo dono do nome. Como o verdadeiro Miguel Flores nunca mais foi visto ou encontrado desde essa época, especulamos que esteja morto.

— Mas... Ele foi enviado para cá.

— A pedido próprio, com o uso dessa falsa identificação.

— Mas, tenente... Ele celebrou missas, ministrou sacramentos. Deve haver algum engano.

— A senhora disse que confirmou essas informações — interrompeu Freeman. — Como?

— Registros da arcada dentária. O corpo que está conosco no necrotério passou por cirurgias faciais. Cirurgias estéticas. Houve uma remoção de tatuagem. E também encontramos ferimentos de faca.

— Eu vi — confirmou Freeman. — Esses ferimentos. Ele me explicou como tinham acontecido. Ele mentiu. — Nesse momento, Freeman se sentou. — Ele mentiu para mim. Por quê?

— Boa pergunta. Ele se esforçou muito e transpôs vários obstáculos até ser designado para esta paróquia, especificamente. Esse é outro “porquê”. Ele alguma vez conversou com o senhor sobre alguém chamado Lino?

— Não... Sim... Espere. — Freeman massageou as têmporas, e seus dedos tremeram. — Estávamos discutindo sobre absolvição, reparação, penitência, perdão. Sobre como os pecados podem ser compensados por meio de boas ações. Nós tínhamos filosofias diferentes sobre isso. Ele usava Lino como uma espécie de exemplo. Costumava dizer: “Vamos imaginar um homem qualquer... Vamos chamá-lo de Lino”.

— Muito bem. E então...?

Freeman se levantou, e seus olhos escuros pousaram nos de seu companheiro sacerdote.

— Isso é como outra morte. Pior, eu acho. Éramos irmãos aqui... e servos, pastores. Mas ele não era nada disso. Morreu em pecado. O homem pelo qual eu rezei morreu em pecado, celebrando um sacramento que não tinha o direito de celebrar. Eu me confessei a ele... e ele se confessou a mim.

— Ele vai responder a Deus agora por tudo isso, Martin — disse López. — Será que não houve algum engano, tenente?

— Não, não há engano. O que ele disse sobre Lino?

— Foi um exemplo, como expliquei. — Freeman voltou a se sentar, como se suas pernas estivessem cansadas. — Ele dizia que, se este jovem, este Lino, tivesse cometido pecados, mesmo pecados graves, mas dedicasse uma parte da sua vida a boas obras, para ajudar os outros, aconselhá-los e afastá-los do pecado, conseguiria obter compensação e poderia continuar em frente com a própria vida. Como se a sua ficha suja tivesse sido limpa.

— O senhor discordava disso, padre?

— Há mais que boas ações em jogo, aqui. Trata-se de intenção. As boas obras foram executadas para equilibrar a balança ou pelo seu próprio mérito? Esse homem realmente se arrependeu? Miguel argumentava que os atos em si eram suficientes para uma absolvição.

— A senhora acha que ele era esse tal Lino? — quis saber López. — Que esse debate era sobre ele mesmo... sobre ele usar o tempo aqui para... compensar algo de mau que fez no passado?

— É uma teoria. Como ele lidava com a sua opinião sobre essa discussão? — perguntou Eve, voltando a Freeman.

— Ficava frustrado. Muitas vezes frustrávamos um ao outro, e essa era apenas uma das razões pelas quais gostávamos de debater. Todas as pessoas que ele enganou! Realizou casamentos, encomendou almas dos moribundos, batizou pessoas, ouviu confissões. O que devemos fazer?

— Vou entrar em contato com o arcebispo. Vamos proteger o rebanho, Martin. Foi Miguel... Foi esse homem que agiu de má-fé, não aqueles a quem ele serviu.

— Batizados — murmurou Eve, considerando a ideia. — Isso é para bebês, certo?

— Normalmente sim, mas...

— Vamos ficar com os bebês, por enquanto. Preciso de todos os registros dos batizados feitos aqui nesta igreja, digamos... entre 2020 e 2030.

López olhou para as mãos dobradas e assentiu.

— Vou solicitar.

Peabody ficou sentada no carro com ar pensativo quando elas saíram da casa paroquial.

— Isso deve ser muito difícil para eles. Para os padres.

— Ser ludibriado é sempre uma bosta.

— Não se trata apenas disso. Estou falando de amizade e fraternidade; de você descobrir que tudo era falso. É como se, por exemplo, você morresse no cumprimento da lei.

— Não pode ser *você* a morrer?

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

00000>